

Nicolau Araújo Vergueiro

Organizado por:
Marinês Dors
Marco Antonio Damian

Memórias do Dr. Vergueiro
Volume 5
transcrito



2011

NOTA do Projeto Passo Fundo

O presente trabalho foi digitado e organizado por: **Marinês Dors e Marco Antonio Damian** e gentilmente disponibilizado nas páginas do Projeto.

Os originais são 8 volumes manuscritos, redigidos pelo Dr. Nicolau Araújo Vergueiro, entre 11/07/1935, data de seu primeiro relato, até 3/11/1937, data de seu último texto.

Algumas palavras podem estar redigidas na grafia da época, podem conter erro em virtude da interpretação da grafia manuscrita original ou por simples erro de digitação.

Pedimos desculpas e agradecemos às contribuições que recebermos.

Os 8 volumes, digitalizados dos originais, que se encontram no Acervo Nicolau Vergueiro sob a guarda no Arquivo Histórico Regional, onde os interessados poderão manusear os próprios livros, estão digitalizados e disponíveis na página do Dr Nicolau, neste site.

Estes livros chegaram ao Projeto Passo Fundo, pela generosidade do Sr. Nicolau Vergueiro Malheiros, neto do autor, que houve por bem, abrir a sala que a 50 anos permanecia fechado a pedido do Dr. Vergueiro, liberando seu acervo para conhecimento da comunidade.

Estes volumes e outros, especialmente os de autores Passo-fundenses e muitas Leis e Atos promulgados pela Intendência de Passo Fundo, foram digitalizados, alguns foram também digitados e transformados em PDF, para melhor acesso às informações.

Estes trabalhos estão disponíveis no site do *projetopassofundo.wiki.br*, para cópia gratuita.

Todo o acervo do Dr. Vergueiro foi entregue aos cuidados do Arquivo Histórico Regional, onde estão, também, a disposição de interessados.

O extenso acervo do Dr. Vergueiro, disponível para pesquisadores e historiadores, ainda não foi desvendado definitivamente. Este trabalho é apenas um pequeno esboço do que se dispões para estudo e, agradecemos o interesse de nossos utilizadores e conclamamos aos estudiosos para que se debrucem sobre esta rica fonte de pesquisa, para trazer mais e mais luzes à história de nosso primeiro século de existência.

Com nossos cumprimentos

Sumário

2011	1
174 LOUISETTE pg. 1	5
175 O ANJO DA PASCOA pg. 5	7
176 ATÉ NOS PASSARINHOS pg. 7.....	8
177 QUE DESILUSÃO! Pg. 11.....	9
178 MARIA pg.13	10
179 ANO DE 1906 pg.20.....	13
180 PENSAMENTOS pg. 23.....	15
181 GENERAL STOËSSEL pg. 33.....	19
182 EM UM ÁLBUM pg. 35.....	20
183 ESPÍRITO DE CRIANÇA pg. 38.....	22
184 DISCURSO AO DR. BORGES pg. 39.....	23
185 UMA ENTREVISTA “TAQUARIENSE” pg. 46	25
186 NUM BANQUETE AO DR. PRADO SAMPAIO pg. 55	29
187 DISCURSO CLUBE UNIÃO COMERCIAL pg. 58	31
188 DISCURSO NUM BANQUETE POLÍTICO pg. 67.....	35
189 DISCURSO NA ESCOLA COMPLEMENTAR pg. 81.....	41
190 SONETO pg. 86.....	43
191 MANIFESTO POLÍTICO pg. 87.....	44
192 DISCURSO EM MARAU pg. 93.....	47
193 DISCURSO EM UMA MANIFESTAÇÃO pg. 102	51
194 DISCURSO DA MARIA pg. 110.....	54
195 QUADRINHAS AO MANECA pg. 113	55
196 DISCURSO AO DR. SÉRGIO pg. 115	56
197 MANIFESTO POLÍTICO pg. 121.....	59
198 AVESTRUZ E MACACOS pg. 128.....	62
199 GENTE NOVA pg. 129.....	62
200 EXILADOS pg. 137.....	65
201 PEDRO AURELIO pg. 140	70
202 UMA NOITE NO EXÍLIO pg. 145	72
203 DOIS ESCLARECIMENTOS pg. 156	76
204 AO POVO DE PASSO FUNDO pg. 159.....	78
205 ATA DE RENDIÇÃO pg. 161	79
206 HORA DO SILÊNCIO pg. 163	80
207 DOIS CRIMES pg. 168	82
208 A FILHA DE FRANKSTEIN pg. 173.....	84
209 ÚLTIMOS DIAS EM LIBRES pg. 176.....	85
210 DE AVIÃO, NÃO pg. 184.....	89

211 ELEIÇÕES pg. 188.....	90
212 CONGRATULAÇÕES pg. 190.....	91
213 CAPITÃO JOVINO pg. 193.....	93

Os contos de “Louisette”, “Anjo da Páscoa”, “Até nos passarinhos”, “Que desilusão” e “Maria”, foram escritos, no decorrer do ano de 1900, quando eu tinha a idade de 18 anos. Transcrevo-os integralmente, sem a menor modificação.

Estava eu em Paris.

Após dois meses de permanência aí, senti-me fatigado, com saudades da família, da Pátria, da vida rotineira e calma da pequena cidade onde nasci; cheguei mesmo a aborrecer Paris.

Era em Setembro. O dia era de festa nos salões da duquesa de... Friamente recebi um cartão, trescalando a violeta, convidando-me. Impulsionado pela monotonia em que me achava e mesmo por curiosidade, acedi e fui... O luxo, que observei, não se descreve; simplesmente deslumbrante tudo.

À filha da duquesa, demoiselle Louisette, apresentou-me o pai, cujo conhecimento datava de uma casa de jogo, onde o vi deixar, por desfazio [entretenimento, distração], alguns mil francos em poucos momentos. O duque era um desses tipos que amava ver sua mulher seqüestrada e que tinha mania pelo jogo e pelo trajar: “manequim escravo das pregas da gravata e da rijeza dos colarinhos” na expressão de A. Dumas Pai.

Demoiselle Louisette é uma francesinha alta, de olhos e cabelos pretos, sobressaindo em sua cútis de um pálido roxo, de arcadas dentárias alvíssimas, em extremo elegante e graciosa, enfim de um conjunto digno de ser admirado pelo mais exigente esteta.

Vi-a e... amei-a.

Já a bem timbrada orquestra executara vários trechos de dança, e eu parado sem coragem de dirigir-me a ela. Despertei desse estado de estupor, ao ouvir:

– Não dança, Dr.?

– Sim, gentilíssima, caso seja eu digno de valsar com a S. Ex., respondi, estendendo-lhe a mão.

Ao contato da sua, o meu corpo senti estremecer.

Ouvi a sua voz meiga, delicada, sonora... Após à dança, dirigi-lhe palavras de estilo, conversando em seguida sobre coisas banais. O meu espírito esvoaçava doidamente em um turbilhão de ideias; tive mesmo ímpetos de declarar-lhe todo o amor que sentia... era cedo ainda...contive-me. Agradei a nímia delicadeza e momento depois retirava-me, levando um coração em fogo e um cérebro a arder.

Motivos de ordem superior fizeram com que tivesse eu de embarçar urgente para o Brasil poucos dias depois. Demorei-me dois anos nessa viagem e novamente para lá voltei.

Procurei-a bastante e por toda parte.

Já haviam transferido residência, é o que me diziam.

Não desanimei.

Cada vez mais eu queria vê-la. Os meus sonhos todos eram com ela. Via-a em tudo em que fixava os olhos. Enfim, muito custo, soube que moravam em uma cidadela da Alemanha... e lá me fui.

O hotel em que me hospedei ficava em frente a um prédio de construção recente e que chamava atenção pela sua bem combinada arquitetura gótica.

Indaguei de um patrício, que, por acaso, encontrei:

– Quem mora ali?

– É a madame Louissette, uma francesinha meiga e bela como uma rosa, filha da duquesa de ...

– Ainda está solteira? Balbuciei a medo.

O – Oh! Que calamidade! O grande luxo da duquesa em Paris levou-a rapidamente à miséria; o duque, ao pressentir o abismo em que se afundava, desesperado, partiu o crânio com uma bala, e ela, Louissette, casou-se com um

velho de 72 anos, calvo, desdentado, bronquítico e reumático, porém rico, muito rico...

- Esse conto foi publicado no jornal O Gaúcho, em 22 de março de 1907.

Passo Fundo, 7 de Novembro de 1935.

175 O ANJO DA PÁSCOA pg. 5

Foi no ano de... Eu era pequeno e havia perdido meu pai há alguns meses.

Quando começo a semana santa, minha Mãe chamou-me e referiu-me a tristura da paixão de Cristo e disse-me que se eu não fosse mais travesso, maroto, a Páscoa, anjo de grandes asas brancas, trar-me-ia uma grande coleção de ovos de todas as cores de presente no dia da ressurreição.

Muitíssimo alegre, com um beijo, prometi-lhe ser o menino mais amoroso, mais quieto e obediente que se imaginar podia.

Lembro-me ainda perfeitamente o meu comportamento exemplar nesses sete dias, esperando ansioso o raiar do próximo domingo, para a minha recompensa.

Chegou o sábado; ordenaram-me que me deitasse cedo, pois que a Páscoa assim o exigia.

Quando soaram 5 horas do dia anhelado [desejado], despertei; dirigi-me logo após ao jardim à cata do valioso mimo. Em um instante percorri-o todo, voltando em pranto para minha Mãe, que ainda dormia, exclamando:

– Fui bom e a Páscoa logrou-me...

Aquela, que hoje também dorme o nono eterno, osculou-me, sorrindo, a fronte, referindo, com o seu riso carinhoso, que o anjo tinha muito que fazer nesse dia e que eu tivesse paciência de esperar mais um pouco... Esperei...

Algum tempo depois, minha Mãe, com disfarce, mandou a criada ao jardim. Espreitei-a e vi, no seu avental, uma quantidade de ovos de variegadas cores, que ela ia dispondo num canteiro.

Não mais esperei; corri para minha Mãe, louco de alegria, e beijei-lhe, beijei-lhe, entre lágrimas, o seu adorado rosto.

Foi assim que se desfez do meu coração a lenda do anjo da Páscoa.

_ Esse conto foi publicado no jornal O Gaúcho, n.º 36, de 26 de Março de 1907, sob o pseudônimo de Américo de Oliveira, usado então por mim.

Passo Fundo, 7 de Novembro de 1935.

176 ATÉ NOS PASSARINHOS pg. 7

Era um casal de canários hamburgueses, cada qual em sua gaiola.

De manhã bem cedo, mal o astro rei despontava, o canário saudava a sua meiga companheira de prisão com um melodioso trinado, que mais parecia um choro; ela respondia, piando amores e amarguradamente.

– Oh! Se fossem livres, pensava o mísero, ela seria sua, ouviria, no mesmo galho, bem unidos, um cântico de amor, baixo, bem baixinho...

Tinha ímpetos o desgraçado de partir aquelas horrendas grades; porém, que fazer? Impossível? Via ele o desespero da canária e então cantava, cantava alegremente todo o dia para distrair a sua mimosa encarcerada, enquanto o seu coração carpia desesperadamente.

Assim passaram um ano.

Um dia, era em Setembro, o mês em que começa a primavera, o mês em que tudo e todos despertam do sono e da tristura do inverno, o mês em que as árvores deixam aparecer os tenros rebentos, o carcereiro, um português apatacado e rotundo, abriu, com a frieza de um coveiro, a prisão da pobrezinha.

De repente (que sonho!/) abriu-se a porta da outra gaiola e ela voou para o canário.

Ele cantou com a ária fervorosa de paixão, saudando-a... amavam-se desde muito. Não mais se separaram: dormiam e saltitavam juntinhos.

Tempos depois, decorrida uma existência toda cheia de intensíssimos afetos e as mais puras alegrias, sem ser nem de leve perturbado o céu sempre azul, sempre límpido e sereno daquele convívio doce e feliz, nasceu o primeiro rebento de amor do pequenino par venturoso, e, entregues ao prazer castíssimo desse acontecimento, cantaram ambos as mais lindas baladas, que jamais o português ouvira em sua longa carreira de amador de passarinhos cantores.

Mas... ao minúsculo casal, como aos casais humanos, não era dado o gozo de eterna ventura. Era mister que a felicidade sucedesse a dor, e ao canto a Lágrima dorida que cristaliza as mágoas dos corações batidos pelos vendavais da desgraça rude e assassina.

Por isso ao surgir o segundo rebento desse amor tão puro, ela, a pequenina esposa, até aí feliz entre as que mais o fossem, tombou exânime na voragem da morte, abrindo um túmulo imenso no coração amantíssimo do seu companheiro querido. Foram três anos; ele, como se a desgraça, gelando-lhe o coração, lhe gelara também a cristalina garganta, nunca, nunca mais cantou!

É a esplêndida cascata de harmonia de sua vos, tão límpida e tão doce, era modulada pelo amor, o poeta misterioso que faz vibrar as mais belas notas do imponente lirismo da Criação: pelo amor que a fatalidade sinistra lhe roubara e nunca mais teria.

_ Esse conto foi publicado no jornal O Gaúcho, n.º 49, de 26 de Abril de 1907, sob o meu pseudônimo.

Passo Fundo, 7 de Novembro de 1935.

177 QUE DESILUSÃO! Pg. 11

Estava eu em férias e de passagem pelo povoado de Carazinho.

Enamorei-me de uma encantadora ruiva, cujo físico era de resplendente beleza. Cheguei mesmo a amá-la. Envidei todos os esforços para falar-lhe, mas tudo em vão!...

Dirigi-lhe como meio inicial de correspondência, um postal, no qual se viam algumas andorinhas por sobre uma casa, com os seguintes dizeres: “Alegremente esvoaçam por sobre essa risonha habitação mimosas andorinhas; assim também os meus sonhos esvoaçam doidamente em torno de uma linda loirinha”.

Esperei ansioso a contestação, que se fez esperar dois dias.

Um negrinho, no qual sobressaiam alvacentas roupas brancas, todo risonho e lampeiro, foi o portador do anhelado cartão.

Imagine-se o meu estupor ao ler: “O amor é um rallo do sol que queima a gente, mas quando a jura cai, apaga-se o fogo”.

A minha decepção foi enorme... desfez-se por encanto, o meu ideal... não quis mais vê-la... segui viagem imediatamente.

Que tremenda desilusão!

_ Essa historieta traz, num velho caderno meu, de notas, a seguinte data: 16 de Março de 1898.

Passo Fundo, 8 de Novembro de 1935.

178 MARIA pg.13

Maria, além das belezas moral e intelectual, possuía uma beleza física rara, extraordinária.

Era noiva de Alcides, 5º anista de medicina, e que a amava muitíssimo. Esse amor ela lhe retribuía com a mais pura de todas as afeições, com o mais delicado e santo dos sentimentos. Viam-se diariamente e, cada vez mais, estreitavam-se os elos dessa amizade. A vontade de um era a do outro... eram bem felizes.

Eis que, de um momento para outro, a terrível bacilose, a peste branca, essa grande devastadora da humanidade, essa ceifeira implacável, assalta, acomete os pulmões de Maria, talvez já predispostos pela grande lei da hereditariedade; em

pouco tempo o mal ganha terreno, apesar de todos os recursos da ciência de Hipócrates.

Ele, esquecendo tudo, apressava o casamento, não se importando de ligar, de unir a sua saúde de ferro, hercúlea, à de sua noivinha, já tão minada, já tão enfraquecida... ela, porém, cada vez ia a pior.

Quantas vezes ele, desanimado procurava, em seus diversos tratados de Patologia, conhecer, a fundo, aquela afecção, que ia, provavelmente, fazer ruir por terra todos os seus planos de moço, toda a sua sonhada felicidade e, após ler alguns capítulos, ao chegar ao prognóstico, sobre as páginas do livro debruçava-se a chorar amargamente... prognóstico fatal, bem negro.

O pobre noivo passava as noites ao lado do mimoso leito de ébano de Maria, tomando-lhe o pulso, observando-lhe a febre, fazendo-a tomar a medicação apropriada, dando-lhe, carinhosamente, colherinhas de leite, receando, com o coração a tremer, que aquela vida, para ele tão cara, se extinguisse a cada instante, se apagasse de todo o sempre.

Muitas ocasiões o desespero a atacava ao ver a inutilidade de todos os esforços, a ineficácia de todos os medicamentos.

Chegava então a detestar, a odiar a carreira a que se dedicara; ser-lhe-ia bem melhor desconhecer por completo, ignorar em absoluto a sorte de sua Maria, pois ao menos restar-lhe-ia a esperança, essa boa amiga; nem em seu vislumbre, porém, nem um seu pálido raio o acalentava; ele sabia, de uma maneira positiva, o destino atroz que se lhe reservava: sofria, no entretanto, com resignação, pois Deus, justo e misericordioso, o aguardava talvez com uma felicidade eterna.

Deus o poupou dos momentos angustiosos, porque, uma noite em que ela lhe pedira para ir à casa descansar, julgando passar melhor, agravou-se a sua enfermidade e, em sua última hora, rogou que chamassem Alcides, pois, reconhecendo o seu estado, desejava despedir-se dele, dar-lhe o derradeiro adeus e vê-lo ainda mais uma única vez.

Foram... pouco depois o desventurado moço penetrava, com a respiração ofegante, coberto de suores frios, no aposento da moribunda.

Todos choravam... ela agonizava. De joelhos, à cabeceira da cama, com o seu olhar fixo no rosto da doentinha, com a boca entreaberta por um sorriso de desalento, ele era “mudo como a estátua da dor”.

Umãs mãozinhas fracas, amarelecidas, procuraram as dele: encontraram-se, apertaram-se... ele percebeu que aquele ente tão adorado reunia suas já pequeninas forças a fim de levantar-se e, ajudando-a com o seu braço forte, sentiu em sua face um hálito quente “queimado pelo fogo de uma febre ardente”.

Ao seu ouvido ela, fraca e pausadamente balbuciou: “meu noivo... eu morro... sou tua... espero-te no céu...” e calou-se... uma golfada de sangue, mais outra, mais outra e seu débil e franzino corpo pesou mais sobre os braços de Alcides, que, acompanhando-a, deixou-a cair sobre os travesseiros. Gritou pelo seu nome, sacudiu-a diversas vezes e ouviu-se então um grito agudíssimo, seguido de abundantes lágrimas.

Morrera a pobrezinha, com um sorriso nos lábios, tão idolatrada e tão linda.

É indescritível a cena comovente que aí desenrolou-se; não há quem possa descrever essa dor pungente, lancinante, horrível, que julga ser a mais nobre, a mais santa de todas.

Pois bem! O mísero estudante enxugou seu pranto, beijou longamente a testa da morta, retirando-se cabisbaixo para o interior da casa, onde passou todo o dia, sem tomar a mais ligeira alimentação, sem pronunciar uma única palavra, sem soltar um só gemido, sem uma lágrima sequer. A dor estancara-lhe o pranto.

De quando em quando ia vê-la...

Era bem triste ver o pálido Alcides todo de preto, pensativo, seguindo aquele caixãozinho branco, levado pelas amigas de sua noiva, todas de branco, como branca era a sua alma, simbolizando a pureza, a castidade.

Assistiu a colocação do ataúde na carneira de boca escura, eterna interrogação, viu os gélidos coveiros taparem a entrada, arrumando displicentemente os tijolos uns sobre os outros com reboco... não articulou palavra, nem uma lágrima, nem um gemido.

Decorreram-se três dias.

À noite da última, atravessou as ruas da cidade, em direção à mansão dos mortos, na qual penetrou resoluto e de pé firme.

Aquela imobilidade, o choro do vento nas frondes dos cipreste, o límpido luar, desenhando no solo as imagens das cruces, o aterrador piar do mocho fizeram-no parar. Houve um segundo de hesitação, mas entrou.

Estendido ao solo, diante da catacumba de sua Maria, arrancava os cabelos com desespero, chorando e soluçando tão alto que acordou a travessa passarinhada, que dormia tranquila.

Assim estive até alta madrugada, retirando-se, a correr, para sua casa. Todo trêmulo, com as arcadas dentárias batendo-se com força, desgrenhado, muito pálido, excitado ao extremo, abraçou sua velha mãezinha, toda ansiosa, desatando em um riso convulsivo, nervoso.

Dentro de poucos dias, foi conduzido para um hospital de alienados...

_ O meu arquivo registra a data de 8 de Agosto de 1899, nesse conto, o qual transcrevo “ipsis verbis”.

Passo Fundo, 8 de Novembro de 1935.

179 ANO DE 1906 pg.20

Este ano de 1906, embora ainda estejamos no 5º mês, bem pode ser cognominado de maligno, porquanto não tem faltado catástrofes e misérias, sucedendo-se em certo espaço de tempo. Seria bastante longo pretender-mos enumerá-las todas; propomo-nos apenas a relatar as que mais perto nos tem atingido e as de maior calamidade.

Em “primo loco” o desastre do legendário couraçado Aquidabã, na remansosa baía de Jacuecanga, onde ficaram para sempre submergidos os 92 metros de comprimento desse nosso heróico vaso de guerra, fato esse que veio lançar luto

bem pesado no coração da Pátria e num grande número de famílias que, inda hoje, contristadas, pranteiam a falta dos seus.

Além das abundantes chuvas em alguns Estados do norte, com as suas consequentes inundações que, tudo alagando, arrastaram, impiedosamente, em sua corrente, a fruto pequeno e os probo de muitos suores, além disso, repetimos, na Capital da República, no mês de Janeiro foram assinalados diversos desmoronamentos, sepultando em seus escombros várias vítimas, o que veio ajuntar um novo horror aos horrores já existentes.

No nosso Rio Grande do Sul, sempre fértil e sempre rico, este ano lavra a miséria, a pobreza. À seca que crestou vastas e consideráveis plantações, seguiu-se a praga de gafanhotos, que, in totum, destruíram as minguidas esperanças dos colonos.

Ainda neste domingo, dia 6, em direção ao sul, cruzou por esta cidade uma enorme nuvem desses ortópteros, que levaram 40 minutos, mais ou menos, a passar.

A velha Europa não foi poupada e são aí várias as catástrofes.

O Vesúvio, irado medonhamente em suas entranhas, lançou, pela sua enorme cratera, lavas em quantidade bem elevada, fazendo-se acompanhar de tremores de terra. Os habitantes das circunvizinhas fugiram apavorados, ficando grande número deles sob os entulhos. Segundo lemos, tendo cessado a erupção, o professor Mattenci, diretor do observatório, fez uma visita ao alto da montanha, verificando que a cratera ficara 3 vezes maior. Para mostrar a sua fúria, bastava a sua primeira erupção em 79, que destruiu três cidades: Herculanium, Pompéia e Stabies.

Na França, para mais de 2000 obreiros pereceram, em Fevereiro findo, em consequência de uma explosão de “grison” gás inflamável que se encontra nas minas de carvão de pedra.

Coube agora a vez à cidade de S. Francisco, da Califórnia. Sobre esse desastre recente O Gaúcho, em transcrições, noticiou o quanto aí vai de horror. Somos

apenas em princípios de Maio e que de miséria e triste perspectiva! Oxalá parem por aqui tantos infortúnios!

_Esse artiguete foi publicado pelo O Gaúcho, n.º41, de 11 de maio de 1906.

Passo Fundo, 9 de Novembro de 1935.

180 PENSAMENTOS pg. 23

Pensamentos escritos em cartões postais e oferecidos à Jovina, quando minha noiva.

1- Pensa ou sonha... Antes sonhar que pensar...Pensando, arrepende-se a gente do passado, odeia-se o presente e teme-se o futuro, no feliz dizer de Campoamor. Sonhando não se tem passado, não se tem presente e o porvir não assusta, antes alegre – é a ilusão! Ah! É moça – sonha... Antes assim, antes assim... sonhar! (21.8.1903)

2- Assim como o helianto segue os raios do sol, também o meu coração segue cativamente os raios do teu olhar. (23.12.1903)

3- A mulher deve primar por tudo quanto é singelo. A mulher meiga é duplamente bela, duplamente boa e duplamente amada (19.7.1904)

4- O sorriso da mulher amada é qual luminosa escada de Jacob, que nos conduz aos céus da plena felicidade, por entre flores de venturas e alegrias (2.7.1904)

5- O homem que não ama, também não vive... vegeta rasteiramente, extingue-se sem saber o quanto é agradável e balsâmico um beijo de Mãe, um carinho de esposa, um sorriso de filho (4.7.1904)

6- A família, “esse pedaço de céu que Deus deixou na terra”, é o santuário do coração do homem (4.4.1904)

7- Alegremente esvoaçam por sobre a nau as brancas gaivotas; assim também os meus sonhos esvoaçam risonhamente em torno a ti (16.6.1904)

- 8- A vida sem amor é flor sem perfume (28.03.1904)
- 9- Orgulho – O orgulho, pecado capital para a igreja é, no entanto, para mim nobre ou ridículo. É nobre, quando o homem é ufano da sua honra, ou a mulher da sua virtude. É ridículo no indivíduo medíocre, orgulhoso de um talento e de um saber que não possui, ou então do seu dinheiro; é o na mulher orgulhosa de uma beleza real ou suposta ou de um dote, mais ou menos avultado. Todavia o que não sei é se o nobre ou o ridículo levam ao inferno... (1.8.1903)
- 10- Preguiça – Quantos no mundo pecam! Na verdade, Satanás foi artista na tentação. Não é muito agradável o “dolce far niente” por uma tarde cálida de verão, quando na mata até os passarinhos calam e a própria natureza parece dele gozar sem lembrar-se que a preguiça é pecado capital? (1.8.1903)
- 11- Luxúria – A luxúria é sempre pecado. Ela materializa a alma e mata o sentimento. Satanás inventou-a num dia mau, a cuja influência todos estão sujeitos... (1.8.1903)
- 12- Inveja – Era artista na tentação o Anjo mau! À inveja ninguém resiste... Todos, no mundo, se invejam uns aos outros... Quem, sendo ela pecado capital, irá ao paraíso? Que o digam os sábios da Escritura. (1.8.1903)
- 13- Cólera – A cólera, conquanto pecado capital, é algumas vezes nobre, pois é a reação do brio. Outras porém, é baixa e vil: a cólera do rico, a quem um operário faminto rouba um pão... (1.8.1903)
- 14- Gulodice – À gula todos se rendem, a não ser um ou outro dispeptídico. É gulosa a criança, é o adulto, é o velho. Não vê como essa moça olha embevecida para um pouco de confeitos e uma garrafa de champanhe? Irá só por isso para o inferno. Respondam os sábios da Escritura... (1.8.1903)
- 15- Avaréza – A avaréza – sim! É um feio pecado...O avarento sempre tudo esquece... Deus, Família, Pátria!... Só lhe lembra sempre uma coisa: o meio de aumentar e de não gastar o seu ouro, que para ele é tudo. (1.8.1903)
- 16- As mulheres, quando velhas,
Bem mocinhas querem ser...

Mas, bebês de roupas curtas

Querem velhas parecer... (21.10.1903)

17- A alma de uma mulher vaidosa é qual pétala de magnólia, manchada
(19.7.1904)

18- A ilusão é sempre doce; a desilusão, sempre amarga. (28.03.1904)

19- A lágrima é a arma de que a mulher, geralmente, lança mão para
vencer e subjugar o homem (29.3.1904)

20- O ciúme é a erva daninha que, entrelaçando-se com o amor, perturba
o seu crescimento, conseguindo, por fim, a sua morte. (4.4.1904)

21- Contam que um leão, o rei das florestas, ao cair em uma armadilha,
quanto mais se esforçava para desprender-se dos fios da rede, tanto mais preso
ficava. Todas as suas forças eram inúteis. Um mísero camundongo, tendo ouvido
aqueles rugidos cruéis, aproximou-se com medo, e, roendo o tecido da trama, o
grande rei de juba foi posto em liberdade. O amor é como o leão: depois de
enredar-se nas fibras de um coração não mais sai; quanto mais ele procura
libertar-se, tanto mais se entranha, se enreda... a morte é a única libertadora
(9.9.1903)

22- Assim como a luz mostra toda a tristeza, todo o horror de uma
masmorra, assim como esclarece todo o fundo de um abismo, assim também a
esperança quando malograda, revela toda a imensidade do nosso infortúnio.
(9.9.1903)

23- O amor convida à meditação. O espírito esvoaça no espaço, rodeando
o vulto amado. A volta à realidade é triste, quando se está ausente (4.7.1904)

24- O coração de mãe é sacrário de todas as virtudes. (28.3.1904)

25- Seu olhar tristonho trai-lhe o que lhe vai na alma: talvez saudades
de alguém que, há muito, partiu para bem longe... (4.7.1904)

26- O sorriso da mulher que ama é o desabrochar de uma rosa nacarada
(7.9.1903)

27- “O mais profundo amor que há nesta vida

É o primeiro amor”.

São estes os dois últimos versos da interessante quadrinha, que me deste o imenso prazer de dirigir. Ao meu ver o poeta tem toda a razão, pois o amor que me fertiliza o coração foi o primeiro, e é tão grande como o mundo, tão santo como o amor de Maria e tão puro como o amor de Mãe... é profundo, é insondável. (21.9.1903)

28- A criança é qual delicada e meiga flor, que desabrocha sorridente no jardim da vida (21.2.1904)

29- Dr. Sebastião Leão – em um cartão pintado por sua esposa d.^a Julieta Felizardo Leão – Eis o nome de um dedicado amigo e de um ilustre médico. A sua passagem pela vida foi curta, porém luminosa e benfeitora. A sua presença à cabeceira de um enfermo era a cristalização da esperança, essa boa e meiga companheira; as suas palavras eram para o doente um conforto enorme, um bálsamo agradabilíssimo. Ele, com o mesmo ar alegre, tanto entrava na choupana do pobre, como no palácio do rico, espalhando o bem, sem cogitar de recompensa, de remuneração. Com sua morte deixou no coração daqueles que o conheceram um traço bem nítido, um raio bem vivo de saudades (9.9.1903)

30- Sois, meigas violetas, a flor de minha alma. Sois sincera, simples e triste: a sinceridade manifesta-se no seu suave aroma; a simplicidade, na forma regular de suas pétalas, e a tristeza, na sua cor, símbolo do luto. (3.4.1903)

31- Qual peste que devassa, assola uma região, deixando-a abandonada por seus milhares de habitantes, dizimados pelo horrível mal, assim também é o crime que devassa, assola um coração, deixando-o abandonado por suas mais caras esperanças, crestadas por esse mortífero e repelente verme (4.4.1904)

32- A esperança é o cântico melodioso, que nos soa sonora e agradavelmente aos ouvidos, nos transe de infortúnio e que nos diz: Tem fé, creia em Deus e espera... (30.3.1904)

33- A mulher, que é bela, não necessita de enfeites, joias, sedas... A simplicidade faz com que sua beleza mais realce ainda (4.7.1904)

34- O coração de um homem mau, quando zangado, assemelha-se à áspera rocha em que, inutilmente, vêm quebrar-se brusca, rouca e atropeladamente os vagalhões de um mar encapelado (13.6.1904)

35- Os olhos são o espelho da alma. Quando os lábios sorriem a alegria está próxima. Não há, no entretanto, regra sem exceção:

“quanta gente que ri, talvez, consigo,

guarda um atroz, recôndito inimigo,

como invisível chaga cancerosa!

quanta gente que ri, talvez existe,

cuja ventura única consiste

em parecer aos outros venturosa”. (21.7.1904)

36- Menina, tome cuidado,

O gato tem artimanha...

Menina, tome cuidado

Senão ele te arranha. (8.7.1904)

Transcritos, como todos, na íntegra.

Passo Fundo, 10 de Novembro de 1935.

181 GENERAL STOËSSEL pg. 33

Recentes recados telegráficos referem-nos haver sido condenado à morte o General Stoëssel, o defensor de Porto Arthur. A causa é simples: ter-se entregue

quando não devia, dizem os russos autocratas, sentados em suas macias poltronas, aquecidos de peles finíssimas e assomados pelo uísque.

Injustiça, sobre injustiça... vai ser morto um bravo que, comparável a Leônidas, defendeu com denodo, arrostou todo o perigo, com um punhado de homens, sacrificando até a sua própria família, no ataque de rechace dos heróicos japoneses a essa nova Termópilas. Se Nodji atacou com bravura tremenda, Stoëssel defendeu com calma e não menos heroísmo.

Quando viu reduzido bastante o número de seus soldados, já sem munição, quando reconheceu a inutilidade dos seus esforços, quando, de perto, se viu aguçado pela fome e aguilhoado pela peste, entregou-se, rendeu-se. e triste recompensa de sua Pátria: condenado à morte, como um relapso criminoso!...

Agora era o momento dela, a Rússia, acariciá-lo, animá-lo para suavizar as tristes horas de peleja ardorosa, em que se alimentara o espírito e o corpo, após o cansaço dos inimigos.

Segundo mesmo vimos, o próprio Nodji escreveu a Stoëssel, classificando o procedimento da pátria deste de bárbaro e de injusto, porquanto Stoëssel fora um general de brio, que envidara todos os esforços, não medindo sacrifícios para sair vitorioso da luta pungente, que há 6 meses era travada.

Foi mais longe o general japonês, escrevendo ao próprio Czar, em cuja missiva eram tecidos os mais francos, os mais elevados encômios à bravura de Stoëssel.

Condenado à morte – clamorosa injustiça!

Rússia dos Czares: mais cedo ou mais tarde terá que pagar essa iniquidade... a justiça de Deus pode tardar, mas não falha nunca!... (1.4.1907)

Passo Fundo, 11 de Novembro de 1935.

182 EM UM ÁLBUM pg. 35

Ofereço-te, minha noiva, este álbum de cartões postais.

Hoje ele nada vale, porém mais tarde, quando formos velhinhos, quando gemermos sob o peso dos anos, aquebrado o corpo, braços trêmulos, caminhar vacilante, incerto, olhar sem brilho, sem expressão, face enrugada como sulcos de lágrimas, cabelos de neve, ele terá, sem dúvida, de ocupar o nosso pensamento, como manancial de recordações e de saudades.

Diz o poeta:

Recordar é viver...

Transformar num sorriso o que nos fez sofrer...

Ressurgir dentro d'alma uma idade passada,

Como em capela d'ouro há cem anos fechada

Onde não vai ninguém, mas onde há festa ainda...

Se eu hei de saber como a saudade é linda!

Se eu hei de saber!...

Como é doce, suave e triste a memória dos bons tempos que não voltam mais!

No mundo tudo se sucede: primavera, verão, outono, inverno... No decorrer da nossa vida tal não se dá!

Serão os cartões do teu álbum relíquias da mocidade.

Cada um deles terá sua história, alegre ou triste.

Quando vejo um velhinho a chorar, dói-me o coração. Chora, talvez, recordando os tempos felizes em que, rodeado de todos os seus entes mas caros, mais amados, vivia tranquilamente, contente e alegre; agora, depois de ter visto desaparecer um a um daqueles que constituíam a sua felicidade, só, abandonado, no auge do infortúnio, como não há de o velhinho chorar?! Respeito essas lágrimas... são santas.

A saudade começa por um sorriso e termina por uma lágrima. O sorriso é atroz, pungitivo, lancinante; a lágrima amarga e doce: - é doce, pois é o lenitivo [conforto] do passado.

Se então, nessa fase melancólica da vida, em que, para se viver, procura-se mergulhar o espírito em recordações da mocidade, se então, nessa fase, repito, deslizar-se pelas nossas faces uma lágrima, será ela o símbolo da saudade, o “delicioso pungir de acerbo espinho”.

(18.8.1903)

Passo Fundo, 11 de Novembro de 1935.

183 ESPÍRITO DE CRIANÇA pg. 38

De visita à uma matrona, senhora de grandes dotes intelectuais e morais, e que festejava mais um ano de existência, travou-se em o salão, em onde reunidas estavam muitas senhoritas, o seguinte diálogo com uma graciosa menina de 5 anos, netinha da aniversariante.

– Que idade tenho eu? Perguntou uma mocinha.

– Tem 10, responde a menina.

– E eu? Interroga uma outra.

– Tem 18.

E assim foram inquirindo todas, com exceção de uma moça extraordinariamente feia e que já roçava pelos 4º, mas com preocupações a 26. acanhada por ter sido a única que nada perguntara, animou-se e interrogou:

– E eu, menina bonita, quantos anos tenho?

A criança olhou-a firme, como pensando, e, na maior ingenuidade, espiritualmente, respondeu:

– Não sei, porque eu só conto até 30. Um leve sorriso pairou em todos os lábios... uma somente não sorriu e essa mesma, pouco depois, pretextando moléstia, retirava-se...

Sem comentários!

- Foi publicado no O Gaúcho, n.º6, de 22 de Setembro de 1907.

Passo Fundo, 11 de Novembro de 1935.

184 DISCURSO AO DR. BORGES pg. 39

Discurso pronunciado no dia 7 de Outubro de 1934, nesta cidade, por ocasião da caravana, em Passo Fundo, da Frente Única, chefiada pelo Dr. Borges de Medeiros. Essa oração foi publicada, a 11 do mês referido, pelo Correio do Povo, de Porto Alegre.

Exmo.sr.dr. Borges de Medeiros – Venho, em nome do Partido Republicano de Passo Fundo, perfeitamente irmanado com o Partido Libertador, apresentar a V. Ex. e aos seus dignos companheiros de excursão política, peregrinos de uma jornada santa, caravaneiros da ordem e do progresso, paladinos da liberdade e da justiça, as mais sinceras e as mais vibrantes saudações.

Saudar a VV. Excias. É saudar a honra, a altivez, o brio, a raça.

Os republicanos desta terra aguardavam, com ânsia e com amor, a visita honrosa do egrégio Amigo, de palavra franca, leal, vigorosa e valente, cheia de fé, de vibração e de ensinamentos.

Logo depois da revolução de 1930, os homens sensatos e de boa fé, acreditavam que a ditadura fosse apenas de alguns meses, dentro dos bonitos postulados da Aliança Liberal, e que o Brasil se reintegraria o quanto antes no quadro constitucional; julgavam que a lei eleitoral fosse objeto de imediato estudo e elaboração; esperavam que a eleição para deputados à Constituinte fosse o retrato da opinião nacional; fremiam por uma constituição modelar; aspiravam eleger, dentro de uma fórmula verdadeiramente popular e, por isso mesmo, republicana, o novo presidente; queriam, enfim, o país unido e rico, próspero e feliz.

Quanta desilusão!

Poderiam os novos dirigentes ter feito uma obra, administrativamente boa e bem intencionada, se não estivessem, tão a fundo, contaminados do vírus maléfico que derrubou o último governo, agravado pelo ódio, que é cego, e pela vingança, que é louca.

São Paulo foi a sua maior vítima: num requinte de gozo satânico tudo se lhe tirava e nada se lhe dava, até que um dia, exausto de tanto martírio, como um só homem, uma só vontade, uma só energia, lavrando, em gesto leonino, o seu veemente protesto, lavou com o sangue dos seus heróicos filhos, as humilhações e os sofrimentos, lutando pela rápida volta ao regime legal.

Tive oportunidade de ouvir de V. Ex., em agosto de 1931, quando de uma visita que lhe fiz ao Irapuãzinho, a sua opinião inteiramente favorável à imediata constitucionalização do país, e a pequena entrevista, que dei a um jornal local, foi, sem perda de tempo, e em lugar de destaque, transcrita, nesse particular, em todos os jornais da terra bandeirante.

O ditador armou bem a máquina por meio de seus interventores, que se tornaram, em geral, chefes de partidos, os quais, por sua vez e ao seu modo, elegeram os “melhores” constituintes, que, agradecidos e surdos ao clamor do povo, elegeram-no presidente, que, por sua vez, continua a manter os mesmos interventores, que “cavam” agora sua própria eleição para o governo dos Estados.

Mas essa ditadura de mais de 44 meses, rajada de loucura insopitável, fúria ciclônica, nova Babel, não conseguiu, entretanto, destroçar o nosso patrimônio moral, e V. Ex., solidário com as aspirações de São Paulo, saindo para as coxilhas, no cumprimento da sua palavra empenhada, ao lado de Batista Luzardo e outros bravos, tornou-se bem o paradigma da honra gaúcha.

O procedimento do Sr. Washington Luis, a propósito da candidatura do Sr. Júlio Prestes, comparado com o atual procedimento do Sr. Getúlio Vargas, é um grão de areia ao lado de um Everest, é uma gora de água diante da Lagoa dos Patos.

Os homens da ditadura, orientados por uma má política, na vertigem da altura e na obsessão do mando, iniciaram, desde logo, e seguiam até Julho de 1934, uma fase de opressão jamais vista na história brasileira, principalmente exercida

contra os amigos, como V. Ex., Pila e outros, e no Estado quem tivesse o topete de ser independente e altivo, teria, com V. Ex. e outros, o imediato castigo de tamanha audácia: a prisão, o exílio.

Quis até, um acontecimento comum, a sorte amarga e irônica, num recalçamento espiritual que a “Independência” desaparecesse das ruas da Capital do Estado para dar lugar à Avenida Flores da Cunha, e foi o mesmo interventor do Rio Grande do Sul, plasmando uma triste e nefasta época, quem substituiu a placa “Independência” daquela rua por outra com o seu próprio nome.

Graças a Deus, porém, essa fase escura e pesarosa da nossa história já passou; melhores e felizes dias nos aguardam, porque a nossa índole é boa, porque a nossa terra é fértil e a nossa riqueza é enorme, porque nós sabemos trabalhar e produzir, porque com a nossa causa estão homens da envergadura de Borges de Medeiros, Raul Pilla, Baptista Luzardo, João Neves da Fontoura, Altino Arantes, Arthur Bernardes, Octávio Mangabeira, J.J. Seabra, José Augusto, Sampaio Correia, Cincinato Braga e outros, porque nós cremos na vitalidade da nossa Pátria, na honra da nossa gente, na justiça, na liberdade.

Pode a nação ter a certeza de que somos, os da Frente Única, hoje mais do que nunca, solidários em todo e qualquer terreno com V. Ex., que perfeitamente encarna as nossas aspirações, que justamente realiza o nosso ideal.

Passo Fundo, 12 de Novembro de 1935.

185 UMA ENTREVISTA “TAQUARIENSE” pg. 46

Em 9 de Janeiro de 1926, quando de minha passagem pela cidade de Taquari, o jornal “O Taquariense”, em seu número 1984, publicou sob o título “O momento riograndense” a seguinte entrevista, que lhe concedi por intermédio do dr. João Maia Filho, redator secretário daquela folha, meu colega, ilustre e amigo pessoal:

– Como é sabido, Taquari hospedou durante alguns dias o Dr. Nicolau Vergueiro.

Brilhante complexo de clínico notável e prócer destacado do nosso glorioso Partido, ninguém mais autorizado do que S. Ex. para dizer sobre as coisas políticas do Rio Grande.

Intendente em mais de um quadriênio de um dos mais importante municípios serranos, deputado em sucessivas legislaturas à Assembleia Estadual, cuja vice-presidência ocupa, sua atuação tem sido das mais proficuas no desempenho quer de um, que de outro mandato, máxime do primeiro, em que lhe coube agir superiormente, repelindo com êxito a onda demagógica, quando foi da revolução de 1923, que teve por teatro principal a zona de Passo Fundo.

Isso posto, e contando antecipadamente com o seu proverbial cavalheirismo e habitual polidez, não hesitamos em procurá-lo. S. Ex., depois de ouvir-nos atenciosamente, acedeu em falar-nos em primeiro lugar acerca do “Momento político riograndense”.

Que pensa S. Ex. – indagamos – da situação do nosso Estado? Estará ela consolidada com o aprisionamento, em campo de batalha, de Honório Lemes e seus sequazes mais qualificados ou será que os elementos rebeldes, permanecendo no estrangeiro, surdos a todos os apelos de concórdia, ainda cogitam trazer a desordem e a anarquia à terra natalícia?

– A situação do Estado é firme. Ninguém mais quer a guerra. Todos, com exceção de alguns elementos irrequietos e eternamente revolucionários querem a paz e querem trabalhar. Em Passo Fundo, por exemplo, onde a corrente federalista é numerosa, os nossos mais exaltados adversários de 1923 se dizem hoje inimigos da guerra. Poderia, nesse sentido, vos citar muitos nomes, mas prefiro declinar um só: João de Souza Ramos, o mais audaz e valente dos oposicionistas daquela zona, e que, há cerca de um ano, por meu intermédio, entregou ao governo do Estado todo o armamento e munição que ainda tinha em seu poder, e que não era pouco.

Sobre a prisão de Honório Lemes, dir-vos-ei que, se foi um golpe no assisismo, que o tinha como o seu melhor cabo de guerra, não modificou a marcha natural dos sucessos... ele nunca teve valor para tanto.

Quanto aos rebeldes que permanecem no estrangeiro, não possuem elementos para invadirem o estado, tanto mais quanto é rigorosa a vigilância em as nossas fronteiras e na República do Uruguai, apesar do “lírico” de Mello haver prometido só regressar ao Rio Grande do Sul, quando este estivesse libertado ou para o “libertar”(?).

– Corre que os propósitos pacifistas do benemérito Dr. Presidente do Estado persistem e de forma tão decisiva que terão influenciado os mais altos poderes da Nação. Que fundamento revestirá o boato?

– O Dr. Borges de Medeiros sempre foi pacifista e goza, hoje, mais do que nunca em o nosso país, de um tal prestígio, que a sua opinião é cada vez mais ouvida com respeito e com acatamento, de modo que, certamente, ela pesara nas balanças do Catete.

– Outro assunto, que faz pouco ainda era considerado fora de propósito para ser ventilado e que se tornou, de um momento para outro, dadas determinadas circunstâncias, até certo ponto momentoso, é a sucessão presidencial do Estado. De feito, já não são simples conjunturas, opiniões desautorizadas, mas episódios novos nos anais riograndenses, que militam, aliás numa uniformidade impressionante no sentido orientador da opinião, rumo a certas individualidades. Sucede que, da visita com que honrou o Rio Grande do Sul o embaixador da Itália, quando foi da comemoração cinquentenária da imigração italiana, resultou uma afirmativa nada diplomática, a dar crédito aos despachos telegráficos que a imprensa diária afixou. Sim, disse o barão Montagna, sem rodeios a Fanfulla, de São Paulo, o futuro presidente vai ser o atual e ilustre secretário das Obras Públicas. Ora, atendendo a que o representante de S. M. o rei da Itália em toda a sua permanência em Porto Alegre só respirou provavelmente na mais alta esfera político-governamental, poder-se-ia atribuir a tais declarações um aparente cunho de autenticidade, atentatório, em todo caso, às normas disciplinares do coeso Partido Republicano riograndense, obediente, em qualquer emergência, à chefia unipessoal do preclaro Dr. A. A. Borges de Medeiros. Que pensa disso V. Ex.?

– A opinião do ilustre embaixador Montagna é inteiramente individual. Em verdade, o nome de Sérgio Ulrich de Oliveira, pelo seu valor, sua cultura, sua inteligência e sua dedicação goza de muitas e justas simpatias no seio do Partido, mas, como ele, temos Paim Filho, Ariosto Pinto, Getúlio Vargas, Flores da Cunha, Oswaldo Aranha e tantos outros, merecedores do nosso apreço e do nosso apoio. Posso vos assegurar que nenhum deles pretende o cargo e que nós não lutaremos por competições pessoais. Os candidatos à Presidência e à vice-presidência do Estado serão oportunamente escolhidos, dentro das salutares normas e das históricas praxes do Partido Republicano.

– Outra questão sobre a qual temos o máximo interesse em ouvir a palavra autorizada de V. Ex. é a que se prende à situação econômico financeira do Estado. Acompanhamos com toda a atenção que o magno assunto comporta, a ação da Assembleia dos Representantes relativa ao orçamento da receita. Vimos como a patriótica corporação, ampliando a sua capacidade taxativa, sem absolutamente exorbitar das suas atribuições constitucionais, criou serviços novos destinados a reforçar a dotação orçamentária. Mas, tendo-se em vista o movimento que se está fazendo sentir da parte dos industriais alarmados com o aumento da tributação que vai pesar sobre as suas indústrias respectivas, movimento esse que o executivo acompanha com carinhosa atenção, não parece a V. Ex. que algo de depressivo irá se refletir no orçamento da receita, com uma lógica repercussão nos serviços administrativos?

– Respondo negativamente. A majoração foi pequena, atingindo tão somente a poucos produtos e foi baseada em cálculos feitos com precisão e convenientemente estudados pela comissão de orçamento, que, seja dito de passagem, tem como seu relator o mais brilhante talento e uma das mais sólidas culturas de nosso Estado Dr. João Neves da Fontoura, e que, na elaboração do seu parecer, foi auxiliado de perto, pelos ilustres Drs. Ariosto Pinto e Victor Azevedo Bastian.

– Mais uma pergunta, e esta relativa à fusão das oposições. Julga V. Ex. estável a fusão das oposições do Estado?

– Não se pode negar que o assisismo absorveu, quase por inteiro, o federalismo, e a máxima prova dessa asserção reside no grande número de manifestações de solidariedade de quase todas as Alianças dos municípios do Estado à Aliança Libertadora de Porto Alegre, e contrárias a atuação do deputado Demetrio Mércio Xavier, na última reunião da Assembleia. Essa fusão das oposições na terá, ao meu ver, vida longa e terminará em uma grande confusão, separando os elementos heterogêneos, de momento ligados, ou melhor, misturados. Assis Brasil até tem revelado alguma habilidade com o protelação do estabelecimento de um programa.

“That is the question”: presidencialismo de um lado, parlamentarismo de outro... enfim “torre de Babel”.

– Satisfeitos os nossos propósitos, retiramo-nos, não sem significar ao ilustre Dr. Nicolau Vergueiro, em nome do O Taquariense, todo o nosso intenso reconhecimento.

Passo Fundo, 13 de Novembro de 1935.

186 NUM BANQUETE AO DR. PRADO SAMPAIO pg. 55

Foi o seguinte “brinde honra” que, em um banquete oferecido, em 31 de Janeiro de 1929, nesta cidade, ao Dr. Arthur do Prado Sampaio, pronunciei:

– Honra para mim, nesta festa cordial, toda dedicada ao distinto amigo Dr. Arthur do Prado Sampaio, digno subchefe de polícia da 3ª Região, é levantar o brinde honra, principalmente quando é ele em homenagem a uma personalidade que vem, pouco a pouco, em lances magníficos, se impondo ao respeito do Rio Grande do Sul e à consideração de nossa Pátria.

Quero, por certo já percebestes, me referir as Dr. Getúlio Vargas, ilustre presidente do Estado.

Passado é apenas um ano do seu governo, e já se transformaram em esplêndida realidade as esperanças com que ascendeu ao poder.

Borges de Medeiros soube distingui-lo, e, em um gesto de segurança, indicá-lo aos sufrágios dos seus correligionários.

Em 25 de Novembro de 1927 teve Getúlio Vargas, nas urnas, uma verdadeira consagração do Partido Republicano.

Ponderado e enérgico, trabalhador e honrado, inteligente e culto, tem S. Ex., de têmpera robusta e de brilhante caráter, notáveis predicados, excepcionais qualidades para administrar, como o vem fazendo, o glorioso Estado sulino.

Em alto relevo gravou, de modo indelével, o seu nome na Assembleia dos Representantes.

A sua passagem pela Câmara Federal, onde fez parte da célebre Comissão dos 21, para reforma da Constituição, foi de tal modo importante que, desde logo, chamou, sobre ele, a atenção dos maiores da República.

No Ministério da Fazenda a sua ação foi tão rápida quanto brilhante e eficaz, merecendo aplausos da imprensa unânime do Rio.

Na presidência do Estado, porém, é onde ele mais se tem revelado.

Entre o vultoso número de trabalhos e serviços de valores inestimáveis, que vem empreendendo, culminam, e bastariam só para torná-lo credor da nossa mais profunda admiração, o extermínio do jogo, o grande putrefato, no conceito de Ruy Barbosa e a criação do Banco do Rio Grande do Sul.

Muito ainda esperamos dele, capaz de, em cenário mais amplo, dignificar ainda mais esta terra.

Em honra de Dr. Getúlio Vargas, pela sua saúde e pela sua felicidade, levantemos com prazer, as nossas taças.

_ Esse discurso foi publicado pelo jornal Gazeta, n.º35, de 2 de Fevereiro de 1929.

Passo Fundo, 14 de Novembro de 1935.

Discurso pronunciado, em sessão solene, por ocasião da posse da nova diretoria do Clube União Comercial, em 31 de Dezembro de 1916.

– Outro deveria ocupar este cargo... aceitei-o por imperiosa injunção de dever e para que, como vai sempre acontecer em cometimentos de ordem social, a minha obscura individualidade não venha calçar, travar ou entorpecer, nem de leve sequer, a evolução natural dos fatos e das coisas.

Procurarei ser breve.

Não merece o auditório seleta, que me faz a bondade de ouvir, que eu venha aqui historiar e justificar, com argumentos secos, áridos e positivos, a vantagem da fusão das associações que deram origem a esta; não merece também que eu venha descrever e augurar, mirando em prismas cristalinos e simpáticos, o futuro risonho, por certo, desta novel agremiação distinta; não merece ainda que eu venha tecer uma trama de elogios, dignos por sem dúvida, à ilustrada diretoria que toma hoje a si a marcha do Clube União Comercial.

Não se justificam, hoje, as alocações científicas, nem mesmo as grandes divagações literárias: a síntese, em uma festa de amor, em que palpitam corações ansiados pelo volteio das valsas, espíritos sorridentes, e inebriados em atmosfera de flores, é o ideal.

Eu, que já não me conto muito distante do rol dos velhos, descendo a colina da existência, ainda me recordo em uma ocasião destas, quando moço, como meu ser eletrizado vibrava, como meus pensamentos se entrechocavam em vagas cogitações, doces e múltiplas, como meus olhos vagueavam em sonhos de entusiasmo e de delírio, como meu coração pulsava em taquicardia, no desejo louco desse momento, que vós outros hoje ansiáis por ele.

Saudosamente, profundamente saudoso, ainda me recordo dessa época... “Eu sei... eu também sei... recordar é viver”. A vida é assim: flor e espinho, bonança

e tempestade, primavera e inverno e aí de nós se não fossem as saudades e a esperança de bons tempos ainda!

A saudade, no geral, começa por um sorriso e termina por uma lágrima. O sorriso é pungitivo; a lágrima, amarga; mas sendo amarga é doce, pois é o seu único lenitivo.

Tobias Barreto assim metrificou, com arte e elegância, o doce amargo do pranto:

“Relógio da minha vida,
Que a desgraça adiantou,
A hora da despedida
Meu coração já soou.
Bate-me o peito, entretanto,
Dos olhos corre-me o pranto,
Cujo amargor é tão bom!
Pois eu choro? Oh! Sorte crua!
Também o mármore sua,
Também o bronze dá som”

E, minhas senhora, até as lágrimas têm saudades! Vamos à “Lenda das Rosas”:

“Pobre cega, porque choram
assim tanto esse teus olhos?
Não, os meus olhos não choram,
são as lágrimas que choram,
com saudades dos meus olhos”.

– Há dias eu vi um pobre velho levar as mãos ao rosto e por entre seus dedos descarnados, correr o pranto, lentamente, às gotas. Porque chorava ele? Não sei... mas o que é um velho? Um depósito de saudades, um organismo combalido e vacilante, que já fixa o solo em busca de repouso, e nessa fase melancólica da vida, esfrangalhada pelo vento das paixões, pelo sopro das desilusões, pelas

rajadas da dor, ele, para melhor viver, mergulha sempre o espírito em indelévels recordações da mocidade... ri às vezes, chora sempre... mas sempre tem esperança, a irmã gêmea da saudade.

E que é a esperança? “É, no conceito de pinto da Rocha, o futuro; a pátria debruçada na janela do horizonte, sorrindo à posteridade; é o porvir, agitando ao sopro das ilusões, que todos os dias renascem, o lenço branco da saudade que acena para o passado... o futuro é a glória; é a civilização vencendo a barbárie; é o progresso vencendo o preconceito; é a arte, dominando as forças da natureza; é a justiça, subjugando as ambições; é, finalmente, o direito, esmagando a força”.

Sras. – O ideal é a cristalização do belo, a mulher é a cristalização do ideal e como ela é, na opinião de uns “o melhor presente que Deus fez aos homens” (Ligouré) na de outros” a poesia de Deus” (Napoleão I) e enfim de outros ainda “o doce e eterno mistério, que toda a gente adora, sem o conhecer” (Dubay)... eis porque eu sou idealista, eis porque eu amo a fantasia, fugitiva, leve e impalpável, como as melancolias do luar, contratando com a aridez e a secura da medicina, ciência que abraça.

Na vida deve haver alguma coisa de belo, de sugestivo, de espiritual... confortante para o cérebro e para o coração: não sejam só tristezas e pesares... “a humanidade é feita para ser feliz como o homem é feito pra ser sadio” na expressão filosófica de Maurice Maeterlink, grande pensador da pátria de Alberto I.

Ilusão! Sonho! Fantasia! Delírio! Ilusão é o beijo de Roxana; ilusão é o delírio de Cyrano de Berjerac; delírio é o beijo da escrava grega Eunice na fria estátua de Petrônio; fantasia é a Divina Comédia de Dante Alighieri; sonho é a tragédia de Shakespeare; ideal são as concepções artística de Guerra Junqueira, Olavo Bilac, Álvaro Moreira:

“Que de tia promessa:
quando vier o último sono,
hás de pousar-me a cabeça
em folhas mortas de outono...
Para que eu sonhe (tão lindo!
o sonho dos sonhos vãos!)
que vou sereno dormindo
no amparo de tuas mãos”

e, senhores, a vida e a própria morte nada mais são do que um sonho: “sobre a nudez fria da verdade o manto diáfano da fantasia”.

O que seria esta solenidade pomposa, com flores e música, perfumes e ritmos, com toda essa exuberância de luz fixa, sem a luz fulgurante de vossos olhos encantadores, minhas patrícias?

Uma festa sem elegância, sem arte, protocolar somente: sois a nota alegre e diamantina: na menina, que salta, corre e chora; na moça, que canta, suspira e dança; na velha, que espregueira, sorri, cochila.

– Aureolado de fulgentes esperanças, despontará, dentro de alguns minutos, o novo ano, deixando atrás dele um manto de tristezas, um rosário de dores e de lágrimas, um manancial enorme de pesares, um séquito fabuloso de mutilados, de cegos, de órfãos e de viúvas... horrores da tremenda guerra que avassala o velho continente, a pátria da civilização, por ironia do destino.

Maldita guerra!

“ela não merece o reconhecimento do gênero humano, nem mesmo pelas ações heróicas e virtudes sublimes, de que são teatro os seus campos” (Ruy Barbosa).

Senhores – O homem, naquelas plagas, transformou-se: o sangue, que lhe corre nas veias, é saturado de ódio; o ar, que respira, é um misto de pólvora e de substâncias tóxicas; seu olhar congesto queima; seu hálito febril asfixia; não

come e não dorme na fúria e na ânsia de matar e “quando um estilhaço de ferro o alcança, lhe rasga as carnes, o mutila, ri alegremente, zomba, diz sarcasmos, como se tivesse pudor de chora (João Gran).

Pois bem, diante dessa cenas vandálicas e inenarráveis, ainda não registrada pela história, diante desse 28 meses de hecatombe indescritível, façamos juntos, nesta festa de amor, votos, votos muito intensos, par que o 1º de Janeiro de 1917, confraternização geral dos povos, surja substituindo o estrondo dos canhões pelo estourar álaçre das da champanhe, o sibilar das balas pelo cântico das aves; o choro pelo riso; a dor pela música; a lágrima pelo beijo, o ódio pelo amor... enfim a morte pela vida.

Paz! Desfralde a tua bandeira branca sobre o universo!

1917! Salve! Três Vezes Salve!

Passo Fundo, 15 de Novembro de 1935.

188 DISCURSO NUM BANQUETE POLÍTICO pg. 67

Proferido em 6 de Junho de 1930, num banquete que, na Sociedade Operária, me foi oferecido pelo Partido Republicano de Passo fundo. Esse discurso foi transcrito nos jornais: A Luta, de passo Fundo; Correio do Povo, de Porto Alegre, e alguns jornais do Rio.

– Senhores, eu quero vos expressar, republicanos de Passo Fundo, nas minhas primeiras palavras, emocionado e alegre, toda a extensão do mais profundo reconhecimento pela homenagem, com que me distinguistes, nesta festa estuante de simpatia e de solidariedade política.

Eu também quero agradecer ao vosso talentoso orador, meu ilustre amigo Dr. Delmar Diogo, que, em frases e conceitos lapidares, me saudou em um brilhante discurso, que melhor classificaria um hino cheio de bondade, onde a sua

inteligência trabalhou com elegância e a sua inspiração esvoaçou com eloquência.

Meus correligionários – Como me sinto bem, orgulhoso e feliz com o vosso contato!

Bem, na síntese perfeita do vocábulo.

Bem e orgulhoso, mas desse orgulho são e honesto de quem se vê, de quem se sente amparado por um forte partido, onde a paz e a pujança, a concórdia e a coesão, a harmonia e o ideal se abraçam, se estreitam e se apertam sem solução de continuidade, embalados todos pela mesma fé republicana, cimentados todos pela mesma crença republicana, pela prosperidade, pela glória e pela grandeza do Brasil.

Bem, orgulhoso e feliz, mas dessa felicidade santa que, como uma virtude sublime, empolga e inebria os homens de caráter rijo e de consciência limpa.

E assim, enquanto merecer a confiança de nosso chefe, o eminente Dr. Borges de Medeiros, e tiver a solidariedade dos meus correligionários, a qual nunca me faltou nos bons e nos maus momentos, aqui estarei na estacada, de viseira erguida e de peito exposto, ao vosso lado sempre, para servir o nosso partido, do melhor modo que possa.

O Partido Republicano de Passo Fundo, tão grande quão distinto, se tem mantido, para honra e gáudio [júbilo] nosso, em uma linha de extraordinária, de notável conduta: a semente da discórdia que infelizmente se desenvolveu no seio da nossa agremiação partidária em alguns municípios do Estado, criando situações difíceis, embaraçando a marcha natural do Partido, e o que é pior, dando lugar ao desenvolvimento dos nossos adversários, que conseguiram tomar posições de destaque, ora as de intendente ou vice, ora o que é mais comum e não tem menos importância, a maioria nos Conselhos Municipais, aqui, atirada ao solo, não germinou, esfacelando-se em seguida sob o peso de nossa união e de nossa força.

É esse um grande motivo de júbilo para nós, e devemos, para bem nosso, manter, como fogo sagrado, cada vez mais ligados os elos que nos prendem uns aos outros e ao grande Partido Republicano do Rio Grande do Sul.

É essa uma das minhas maiores preocupações: tenhamos uma só vontade coletiva, sejamos unidos, porque certamente seremos fortes.

Acabamos de sair do maior prélio eleitoral da República, e que sacudiu, com verdadeira vibração, a alma robusta e moça da nacionalidade brasileira, e o nosso povo, que não sofre da falência do civismo, inspirado nos seus ideais e escudado nas suas convicções, não foi indiferente à escolha, aprestando-se, com galhardia, para a grande batalha de 1º de Março.

As pugnas políticas e eleitorais, efetuadas com um ambiente de paz, de ordem, de liberdade e de máximo respeito mútuo, são boas e até necessárias, pois estimulam o ardor partidário, aprimoram a cultura cívica, incentivam para novas campanhas, robustecem as energias e aumentam o amor pela pátria comum, fazendo com que cada cidadão procure, com denodo e sem esmorecimentos, interessando-se pelo seu destino, servi-la melhor, e assim devemos pensar, sentir e agir.

Não foi, porém, nessa atmosfera que aquele memorável pleito se realizou. Campeou a mais desbragada fraude, desenvolveu-se forte pressão, foram usados processos inéditos de violência e de suborno, entrou em cena o Banco do Brasil com os seus “poderosos princípios” e a farsa teve início.

Depois veio a apuração, que nada mais foi do que um complemento, a consequência natural da orgia, da embriaguez eleitoral.

Paraíba, o pequeno e valoroso Estado do Nordeste, foi a escolhida para a maior vítima. Sobre ela foi descarregada toda a bília, toda a cólera do Catete. “Pequena e fraca escreveu o seu notável filho Epitácio Pessoa, com uma representação diminuta, sem meios apreciáveis de reação, a Paraíba estava naturalmente talhada para o desforço [vingança] da covardia do presidente da República. Daí o esbulho dos seus legítimos representantes”. Nenhum dos candidatos da Aliança Liberal teve entrada na Câmara. Foram reconhecidos todos os deputados de Princesa, simpáticos do homem “da madeira”. A Aliança Liberal da Paraíba, que deu ao Dr. Getúlio Vargas 31,142 votos e ao Dr. Julio Prestes 10.945; não logrou fazer um só deputado!

O esbulho foi inominável, vergonhoso; a degola foi completa, radical, de orelha a orelha.

Citar-vos-ei apenas o seguinte caso: o Dr. José Américo de Almeida, o notável autor da Bagaceira, que obteve 29.108 votos foi decapitado em favor de Cláudio Oscar Soares, que conseguiu tão somente 2458.

Votei contra essa ignomínia, lavrando desse modo o meu protesto, e estou ciente de que interpretei o sentir e a vontade do Rio Grande do Sul.

Minas também teve a graça de receber os ódios do Olimpo...

Bem com a minha consciência, bem com o meu Partido, bem com o meu Estado.

O Partido Republicano mineiro teve a sua bancada desfalcada de 14 de seus representantes.

Foi uma outra bambochata [deboche]... foi uma outra maroteira [patifaria]...

A mentira eleitora aí foi uma verdade, se assim se pode dizer.

A célebre “Concentração” não fez um só deputado, e não o poderia fazer, por isso que organizou chapa completa, e com o número de votos apresentados era impossível eleger 14, mas o conseguiu, porque acima das urnas e da vontade popular, neste Brasil, estava e está o querer inquebrantável do Sr. Washington Luis.

Esses 14 não são deputados legítimos, mas legitimados, como bem disse, em aparte, o Dr. Ariosto Pinto.

Neguei-lhes também o meu voto, e o fiz em um misto de indignação, desprezo e tristeza, por ver o nível moral a que baixamos.

Constituiu a apuração do pleito presidencial da República o último ato dessa comédia.

O resultado a que chegou o Congresso foi o seguinte:

Para Presidente:

Dr. Julio Prestes – 1.115.377

Dr. Getúlio Vargas – 782.636

Para vice-presidente:

Dr. Vital Soares – 1.103.359

Dr. João Pessoa – 759.736

Tiveram, portanto, os nossos candidatos menos 332.741 e 343.623 para presidente e vice, respectivamente.

O que se observou no pleito presidencial é indescritível.

Aquele resultado está tão longe da verdade, como o sol da terra.

Todas as formas de fraude, de suborno, de violência, de compressão foram utilizadas.

O oficialismo lançou mão de todos os meios para vencer... e venceu...

A liberdade é uma figura de retórica, a soberania popular é um mito. Com semelhante lei eleitoral e com os processos postos em prática, em eleição não mais poderemos confiar e nada temos a esperar: será sempre uma decepção.

Tudo é inútil. Não haverá esforço, por maior que seja, capaz de vencer.

Só mesmo destruindo essa formidável e elástica máquina eleitoral. E é por isso que a bancada gaúcha vai propor “uma reforma radical da lei e dos costumes eleitorais” como “último remédio” e “último apelo” para que não submerja o regime representativo do Brasil, conforme as próprias palavras do líder João Neves.

Ainda há poucos dias, 28 de Maio, o Sr. Heitor Moniz, sob o título “O último apelo” escreveu, no Correio da Manhã, um brilhante e longo artigo, do qual destacamos os seguintes conceitos: “Teórica, ou praticamente, o que temos não vale coisa alguma. Teoricamente, o sistema eleitoral que possuímos é falho e atrasado. O nosso voto cumulativo uma velharia, que hoje em dia, não se usa mais em nações adiantadas. O voto secreto, consignado nas nossas leis, uma

pantomima, que não ilude mais a ninguém. Praticamente, o Brasil é o parceiro das fraudes mais escandalosas.

Não só os homens não se constringem de praticar os mais repulsivos estelionatos eleitorais, como as leis, mesmo, não contêm o conjunto necessário de disposições para a punição rápida e rigorosa dos profissionais da trapaça do voto; desde os que subornam o eleitor até que lhe arrancam o sufrágio pela compreensão; desde os que falsificam atas até os que roubam urnas e assaltam seções.”

Tenho, para mim, que essa apelo sofrerá na Câmara um insucesso, que a nossa iniciativa será um fracasso, que esse anseio será rejeitado “in limine” porque os mandões e o dono do Brasil não o aceitarão.

Para coroar toda essa obra maquiavélica, tão digna de seus autores, fala-se com insistência, em uma intervenção federal na Paraíba, requerida pelos seus deputados desconhecidos.

Será mais um golpe de força da maioria, mas uma força exercida contra um pequeno Estado, que está no “index” do ódio, por ter tido a coragem e a altivez de dissentir da candidatura oficial.

A Paraíba, já o afirmou o Dr. João Pessoa, seu ilustre presidente, poderá ser esmagada, mas nunca humilhada. Será um ato de prepotência, um cartel de desafio, revelador de que não querem a harmonia e a paz no seio da família brasileira.

E agora tu, meu caro, nobre e cavalheiresco Rio Grande do Sul, “sans peur et sans reproche” tão cheio de glórias e de tradições, tão ciosos de virtudes e dignidade, tão firme de crenças e de convicções, tão altivo e tão livre, amando a Pátria acima dos partidos, não poderás então cruzar indiferente, displicentemente, os braços.

Nos, republicanos deste Estado, temos a individualidade inconfundível e superior de Borges de Medeiros, o melhor discípulo de Julio de Castilhos, e hoje nosso mestre, para nos guiar, e podemos afirmar, com segurança, à Nação que somos, mais do que nunca, solidários com o preclaro chefe, que perfeitamente encarna

as nossas aspirações, que justamente realiza o nosso ideal. O Rio Grande do Sul não fugira nunca dos compromissos que assumiu.

E, para terminar, Srs., eu vos direi com Marden, nas “Harmonias do Bem”: “Ninguém, antes de ser posto à prova, pode calcular do que é capaz”; e “Quando surge uma necessidade, há dentro de nós uma força que responde ao apelo”.

_ Esse discurso, pela sua oportunidade foi transcrito em vários jornais de Porto Alegre e do Rio de Janeiro.

Passo Fundo, 16 de Novembro de 1935.

189 DISCURSO NA ESCOLA COMPLEMENTAR pg. 81

Pronunciado em 20 de Junho de 1931, no salão nobre da Escola Complementar, quando ali foi inaugurado um retrato meu:

- Somente hoje, há poucas horas apenas, pela bondosa indiscrição de um cordial amigo, é que chegou ao meu conhecimento a homenagem que a Escola Complementar de Passo Fundo, em um requinte de extrema gentileza, prestarme-ia. E então, temendo que a comoção me traísse o pensamento e me embargasse a voz, resolvi escrever as pressas, alguma coisa... e...creio agora que andei bem avisado.

“Depois disto... diante disto... não sei como principio”... disse Ruy Barbosa, agradecendo a memorável manifestação que lhe levava o povo baiano... e assim estou eu.

Frei Francisco de Monte Alverne, o inimitável orador sacro, quando, em 15 de Agosto de 1856, fazia o panegírico de Nossa Senhora da Glória, em sua capela, no Rio de Janeiro, já exclamava: “Há sucessos tão estupendos, que forcem a admiração e o assombro; há feitos tão pasmosos que invalidam a inteligência e geram emoções, que o homem não pode acalmar nem reprimir”.

Sou, nesta festa, cheia de encantamentos, a expressão típica e real da gratidão, e mesmo não sei o que fiz para ser digno de tanto... Ela é, em sua essência, superior aos meus méritos.

Se de fato tenho contribuído pelo progresso desta terra; se é verdade que nunca, em obra alguma, neguei o meu concurso; se em todas as oportunidades estive no posto que me foi marcado pelo cumprimento do dever; não é menor verdade que me sinto perfeitamente recompensado pelas constantes demonstrações de simpatia, de amizade e de considerações que me dispensam. Cultuo, com profundo acatamento, a gratidão, mesmo porque entendo que ela é um dos mais nobres e elevados sentimentos humanos.

Agora dir-vos-ei que tenho dirigido para a instrução publica de Passo Fundo uma carinhosa atenção.

Permiti que vos lembre o trabalho que tive para a construção do alteroso edificio do Colégio Elementar; depois bem sabeis dos esforços para a criação da Escola Complementar e ainda ultimamente, o empenho pelo Grupo Escolar. São três estabelecimentos de ensino, que aí estão prestando beneméritos serviços e pelos quais muito me debati.

E por quê? Porque vejo na instrução o futuro da nossa Pátria, que não deve ser “um logradouro oficial de analfabetismo, museu de ignorantes e de ineptos”.

Precisamos preparar as gerações futuras para o embate da luta pela vida. Esta torna-se cada vez mais difícil; aquela, a instrução, cada vez mais necessária: disseminá-la é obra meritória.

O sol precisa ser, e é, mais forte que a cerração, o bem maior que o mal, a instrução superior à ignorância.

A terra é boa, o agricultor é bom, mas é imprescindível escolher e preparar a boa semente. Esse é o nosso ideal, e este é o esboço que antecede à realidade”.

Aqui, nesta escola, vemos, em sua direção um velho, honrado e reto professor, Sr. Ricardo Hener, cujo nome declino com merecida simpatia, todo dedicado ao seu mandato, sua máxima e única preocupação; um corpo docente apreciável pela

sua cultura e pela sua correção, e um corpo discente, conjunto admirável de inteligência, devida, de mocidade, radiante de alegrias e de esperanças.

Sois jovens e lindas patricias, o primaveril dia de amanhã, a aurora que, sorridente e nova, desponta a alvorada que surge e canta, e, com os melhores agradecimentos, quero terminar, dirigindo para vós, cuja profissão também é um sacerdócio, as palavras que o eminente professor Francisco de Castro pronunciou, em 1897, à turma de doutorandos, e que bem se adaptam ao vosso futuro: “Jornada larga vos espera; tendes que madrugar na meditação e no estudo para chegardes a tempo. Sede dedicadas e perseverantes; compassivas com os que sofrem; generosas com os que não compreendem na vossa missão a excelência do bem; magnânimas com os mal agradecidos e, como as eleitas do Senhor, nas primeiras idades do mundo, as multidões vos hão de ungir e sagrar para os mais belos triunfos no combate da ciência e prol do gênero humano.”

Passo Fundo, 17 de Novembro de 1935.

190 SONETO pg. 86

Por ocasião do casamento nesta cidade, do Dr. Geraldino Oliveira Xavier, em 27 de Julho de 1918, disse o seguinte:

A esplêndida e radiante natureza,
Nesta época de tristes invernias,
Engalanou-se – álaçre primavera –
Num doirado sol,de fantasias.

Assim também a noite iluminou-se,
No brilho dulçoroso dessa lua,
Para meiga saudar-te neste dia
Pra saudar a elegante noiva tua.

Se este humilde soneto é mais que pobre
De inspiração, de rimas, entretanto
Tem certamente um fundo muito nobre.

Serás feliz: és bom, são bons os teus.
Boa saúde, paz, felicidades
Eis o que, como crente, eu peço a Deus.

– Aquele desventurado colega faleceu, em 13 de Novembro do mesmo ano, em consequência da gripe epidêmica, que assolou o Estado.

– Sob o ponto de vista poético, são maus esses versos, mas são sinceros, e principalmente são meus.

Passo Fundo, 18 de Novembro de 1935.

191 MANIFESTO POLÍTICO pg. 87

Em 20 de Julho de 1928, dirigi o seguinte manifesto, ao Partido Republicano de Passo Fundo:

– Atendendo ao apelo do eminente chefe do pujante Partido Republicano do Rio Grande do Sul, Exmo. Sr. Dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros, e às constantes solicitações de correligionários deste Município, que sempre, nos bons e nos maus momentos, me tem distinguido e cercado de inequívocas provas de solidariedade, consideração estima, resolvi aceitar a minha candidatura ao cargo de Intendente desta dadivosa terra, no quadriênio de 1928 a 1932.

Nunca aspirei a posição alguma de destaque, e as que modestamente tenho desempenhado devo as injunções do Partido a que pertencço, ao qual venho dedicando, com sinceridade e com prazer, as maiores e as melhores energias da minha vida.

No caso presente, de novo obedeco. Vou trabalhar com devoção à causa pública.

Dispensar-me, e a escusa é justa, de apresentar e descrever um exaustivo programa de governo. Sou contrário ao convencionalismo das longas plataformas, em geral recheadas de abundantes promessas, e que, em geral também, ficam no esquecimento.

Direi, entretanto, em simples e ligeiro resumo, algo de que pretendo fazer. De início, a minha atenção se voltará para as estradas de rodagem, artérias por onde circula o sangue bendito da produção, fonte perene de riqueza. Construindo pontes, melhorando todas as estradas velhas, rasgando novas se possível, estabelecerei o serviço permanente de turmas de reparos, sem o que todo o trabalho será, em pouco tempo, perdido.

À instrução pública vou consagrar especial carinho: tratarei de aumentar, com professores competentes o número das escolas municipais, empenhando esforços no sentido de conseguir do Estado maior subvenção às suas aulas, de modo a abrir novas casas de ensino.

Os distritos terão as suas sedes devida e relativamente melhoradas.

Na cidade, continuarei o calçamento das ruas e avenidas, e outras obras de necessidade e de embelezamento. À propósito do saneamento da sede do município, empreendimento de vulto e de fôlego, em época oportuna será estudado e resolvido.

Enfim, múltiplos e variados são os problemas, de alta relevância, que a edilidade terá de enfrentar, proporcionais todos aos anseios de progresso de Passo Fundo, que marcha hoje, sem favor algum, ao lado dos municípios que constituem a vanguarda do Estado.

Retribuindo ao enobrecedor gesto de confiança dos meus amigos, procurarei, fiel aos ditames da honra, da moral e da justiça, bem servir aos interesses coletivos, amparando-os, sem preconceitos partidários, com todas as grandes forças da minha dedicação e vontade: assim serei digno, ainda uma vez, da terra onde nasci.

Depois de auscultar os mais representativos elementos políticos de todos os recantos do Município, e de inteiro acordo e perfeita harmonia de vista com eles e com o preclaro chefe Dr. Borges de Medeiros, sinto-me autorizado, como diretor do Partido Republicano local, a indicar aos sufrágios dos correligionários os nomes dos candidatos à vice-intendência e ao Conselho:

Para vice-intendente:

Henrique Scarpellini Ghezzi, industrialista residente na cidade.

Para conselheiros:

Ivo José Pereira, farmacêutico residente na cidade.

Eduardo Kurtz, comerciante, residente na cidade.

João de César, construtor, residente na cidade.

Lindolfo Engelmig, fazendeiro, residente no 3º distrito.

Antonio Honaiser, industrialista, residente no 4º distrito, e

Dr. Otto Stahl, médico, residente no 7º distrito.

Estou convencido de que a escolha corresponde às nossas mais puras e legítimas aspirações, pois são todos cidadãos trabalhadores e honrados, bastante conhecido e capazes, companheiros distintos e conceituados, merecedores do mandato que lhes vai ser confiado, e, por isso, espero, e acredito com segurança, que o nosso Partido, cheio de glórias e de responsabilidades, formando frente única e cumprindo um dever cívico, acorrerá pressuroso às urnas, em 16 de Setembro próximo, dando-lhes, altivamente e de sã consciência, o seu voto.

Passo Fundo, 19 de Novembro de 1935.

192 DISCURSO EM MARAU pg. 93

Pronunciado, no Marau, sede do 5º distrito deste município, em 21 de Fevereiro de 1932, em uma festa republicana. Esse discurso foi publicado no jornal A Luta, do dia 27 do mesmo mês.

A – Homenageastes assim, de uma maneira tão bondosa quão eloquente, o vosso chefe, que se sente profundamente honrado, e o vosso amigo, que se acha muito agradecido.

Chefe e amigo de Marau, e o digo bem com indisfarçável alegria, visto como hei, em todos os momentos, recebido dos meus correligionários aqui residentes, expressivas demonstrações, inderrocáveis provas da mais robusta solidariedade, criando d'est'arte, um elo, hoje mais do que nunca, reforçado, de amizade minha e de respeito meu.

Marau sempre correspondeu ao chamamento cívico: é um grande núcleo de trabalho, mas é também um ninho de republicanos.

É de se ver, de se apreciar e de se admirar essa gente de mão calosa, simples e sensata, trabalhadora e digna, deixar o instrumento agrário de todo o dia, acorrer às urnas, radiante, empunhar a cédula, sagrando os nomes dos seus candidatos; é que ela bem compreenda a necessidade do voto, elegendo aqueles de quem, em parte, dependerá a sua tranqüilidade e o seu futuro.

Não é uma massa amorfa e inconsciente, que obedece aos gestos de um cacique, mas um povo que distingue o joio do trigo, que tem vontade própria e que bem sabe amparar os homens que julgam capazes de cooperar pelo seu progresso pessoal e pela prosperidade da gleba onde moram, pequena célula do grande organismo pátrio.

Sois, nestas paragens, sinceros pioneiros e sentinelas constantes da vida e da pujança do Partido Republicano, zelosos das suas glórias imarcescíveis e das suas honrosas tradições.

O nome de Borges de Medeiros é para nós uma bandeira; é para os riograndenses um símbolo; é para os brasileiros um orgulho. Esse homem, a quem o Brasil há de render, tem que render a mais completa justiça, é a encarnação perfeita dos nossos ideais.

Com todos os requintes de chefe de Estado, com todos os predicados de chefe de Partido, dedicou toda a sua existência ao bem do Rio Grande do Sul, e, no dia em que deixou o seu governo, o fez tranquilamente, no gozo, que só tem os homens bons, de quem cumpriu o seu dever, e rumou para o Irapuãzinho cuidar, depois de velho, um pouco de si, ele que, durante 25 anos, esquecido da sua própria pessoa, só cuidou do bem geral, do bem dos outros.

Hoje, como um exemplo, lá vive ele, trabalhando incessantemente, como vós outros viveis aqui, pela organização das suas finanças, pela satisfação dos seus vultosos compromissos, pela sua subsistência diária.

O nosso chefe é um nome nacional, o maior nome nacional e o Brasil nele muito confia e dele muito espera: não é uma experiência, é uma realidade, e dia virá, quiçá breve, em que iremos buscá-lo em seu retiro, a fim de colocá-lo onde precisa estar, para felicidade do Rio Grande do Sul e da nossa valorosa, rica e bela Pátria.

“Em um país como este, quando um homem chega a brilhar com luz própria e chega a simbolizar uma glória nacional, tem dado da sua grandeza a mais eloquente atestação” (Julio de Castilhos).

Eu tenho pelo nosso partido um inexcedível amor, que venho acariciando desde a mocidade.

Não sou um político profissional, mas sou um soldado extremado do meu Partido. Não quero glórias para mim, mas para ele; por ele tudo quanto hei feito é pouco; para ele penso fazer ainda um pouco mais.

Sou político, e o afirmo com ufania. Não é raro se ouvir a frase: “não sou político” – e isso certos indivíduos o dizem com riso irônico, com tola sobranceira e com ridículo desprezo.

Por quê? Há algum desdouro em ser político? Não, nunca.

É que eles, pobres ignorantes, confundem insensatamente política com politicagem.

Quem não é político é um indiferente, um insensível, um anestesiado, não ama de veras a sua pátria, não se interessa pelos seus magnos destinos.

Essas estranhas individualidades, “remplis de soi-même” querem as suas comodidades, os seus negócios, amam o seu dinheiro, o seu “eu”, reclamam tudo, e de todos dizem mal: eternos descontentes.

Revolto-me contra esses caricatos patriotas, aos quais bem se poderia aplicar o neologismo de Benjamin Constant: “Pratistismo é o amor incondicional acima de tudo, do prato, da barriga, do interesse, o sentimento que inutiliza, espezinha e conculca o patriotismo”.

“A política, escreveu Ruy Barbosa, afina o espírito humano, educa os povos no conhecimento de si mesmos, desenvolve nos indivíduos a atividade, a coragem, a nobreza, a previsão, a energia; cria, apura, eleva o merecimento. Não é esse jogo da intriga, da inveja e da incapacidade, a que entre nós se deu a alcunha de politicagem. Essa palavra não traduz, ainda, todo o desprezo do objeto significado. Política e politicalha não se confundem, não se parecem, não se relacionam uma com a outra. Antes se negam, se excluem, se repulsam mutuamente, a política é a arte de gerir o Estado, segundo princípios definidos, regras morais, leis escritas ou tradições respeitáveis. A politicalha é a indústria de o explorar a benefício de interesses pessoais. Constitui a política uma função ou o conjunto das funções do organismo nacional: é o exercício normal das foras de uma nação consciente e senhora de si mesma. A politicalha, pelo contrário é o envenenamento crônico dos povos negligentes e viciosos pela contaminação de parasitas inexoráveis. A política é a higiene dos países moralmente sadios; a politicalha, a malária dos povos de moralidade estragada”.

O Partido Republicano do Rio Grande do Sul deve, nesta hora de apreensões gerais, estar cada vez mais unido para, no momento necessário, mostrar a sua força, a sua vitalidade, esquecendo melindres a bem do interesse coletivo.

Nada pior do que essas lutas estéreis, de ordem íntima, e que são sempre prejudiciais. A propósito, vos citarei um exemplo antigo: quando os Volscos já chegavam, com as suas depredações, às portas da Roma lendária, e os habitantes desta divididos por questiúnculas se negavam a pegar em armas para repelir o elemento invasor, já se dizia Quincio Capitolino, cônsul romano e irmão de Cincinato: “não vos enganeis: os Volscos não desdenham a nossa valentia; eles contam, porém, infelizmente, com as nossas dissensões”.

Felizmente, em Passo Fundo, essas dissensões, dentro do Partido, não existem, e se existem, em pequeno número, desaparecem vencida pela força da nossa coesão partidária, pelo volume do nosso eleitorado e pelo valor dos nossos correligionários.

E precisamos continuar assim: grandes e fortes, e não pequenos e fracos. O indivíduo isolado, por melhor que seja, só vale por si, e o meu prestígio nada mais é do que o reflexo do vosso apoio e da vossa solidariedade.

Eu nada mais sou do que o traço de união entre vós e os altos poderes do Estado e, dest’arte, podeis contar, em todas as emergências, comigo.

Agora, depois destas palavras, devo, agradecendo, e muito, as referências do vosso brilhante orador, que mais falou pelo coração, fazendo vibrar as fibras da sua bondade, dizer-vos que o Centro Republicano, hoje aqui festivamente instalado, e que recebeu o nome de Dr. Araújo Vergueiro, é mais uma corrente que, indissolavelmente, me prende ao 5º distrito de Passo Fundo, ao qual procurarei servir do melhor modo que possa.

Pela prosperidade do Centro, pela felicidade pessoal dos seus associados, pela grandeza de Marau e pelo engrandecimento do seu povo, laborioso e bom, o amigo certo e dedicado.

Passo Fundo, 20 de Novembro de 1935.

Pronunciado no dia 15 de Novembro de 1922.

– É com profundo desvanecimento que, por ocasião da passagem do segundo aniversário de minha administração, recebo, dos meus correligionários e amigos, uma vibrante demonstração de apreço, essa grandiosa prova de acatamento, essa imponente demonstração de solidariedade e de apoio.

Como intendente, observo e julgo serenamente os fatos, olhando-os pelo prisma da verdade e do direito, propugnando pelos reais interesses da coletividade, amparando-os, sem esmorecimentos, numa concentração de energias, com todas as grandes forças da minha dedicação e da minha vontade, procurando elevar sempre, e cada vez mais, o municí e cada vez mais, o munico elesar sempre inha dedicaç da verdade e do direito, propugnando pelos reais interesses da colepio onde nasci e onde espero morrer.

Como político, militando desde os saudosos tempos acadêmicos nas fileiras do Partido Republicano, organizado por Julio de Castilhos, continuo a servi-lo com o mesmo ardor da mocidade, sem tibiezas, sem fraquezas, a prestar-lhe hoje, mais do que nunca, os meus serviços, o meu apoio e até a minha vida, se preciso for.

Orgulho-se de atualmente ser o diretor desse grande partido em Passo Fundo, que tem sabido, de modo inequívoco, demonstrar aos olhos do Rio Grande inteiro, o seu valor, a sua força, a sua disciplina, a sua pujança, a sua inquebrantável coesão, e tudo isso porque é um partido que tem chefe, que tem programa, que tem ideias definidas.

Não vivemos pescando em águas turvas; guia-nos um ideal, que nos propulsiona para frente, encorajados e de viseira erguida.

Apoiamos sempre aqueles candidatos que estão dentro das normas partidárias; não somos, como outros, que ontem, em linguagem virulenta, atacavam o Dr.

Epitácio Pessoa, para hoje estarem arrojados aos seus pés, numa bajulação sem comentários.

Nós não sofremos da espinha dorsal, que em qualquer posição que se encontre, deve estar sempre em linha reta.

Passemos agora, meus amigos, a tratar das candidaturas à presidência do Estado.

Encontra-se nesta cidade, em propaganda de sua própria candidatura, o Exmo.sr.dr. Assis Brasil, que é um diplomata aposentado, e possuidor, em Pedras Altas, de uma granja modelo.

Como diplomata já vai longe a época em que prestou os seus serviços, por vezes dignos de louvores, e como tal rendo-lhe a minha homenagem, e tiro-lhe o meu chapéu.

Como possuidor da granja, recomendo-o aqueles que desejarem possuir um belo potro, filho de Flying Fox ou um lindo trio de galinhas Leghron, as quais possui melhores que ninguém.

Como político porém, não faz jus a essas aclamações, porque não tem prestado ao nosso Estado os benefícios de que sua inteligência era capaz, vivendo exclusivamente para o seu eu.

Felizmente, o dia 25 está às portas, e S. Ex., cidadão distinto verá que tudo isso é uma ilusão, do valor de um fogo fátuo.

A nossa vitória será estrondosa e memorável, porque assim o deseja a maioria do Rio Grande do Sul, porque assim o quer o altivo e digno Partido Republicano.

Borges de Medeiros, o nosso excelso candidato, vive pobre, todo dedicado ao serviço da causa pública; Borges de Medeiros é uma esperança confirmada; é o pivô seguro de um futuro radiante; é o centro desse sistema econômico e financeiro, que nos orgulha, e sobre o qual gira a paz, a ordem, o progresso desta unidade da Confederação brasileira.

Borges de Medeiros não é uma experiência; é uma prova provada.

Dele já disse, em célebre manifesto, o Dr. Julio Prates de Castilhos: “O acautelamento provido da estabilidade material; o culto fervoroso a manutenção da máxima liberdade espiritual; o respeito irrepreensível tributado às prescrições constitucionais e às leis, a alteza dos intuítos inspiradores da gestão econômica e financeira; a fiscalização inexorável da renda dos impostos; a severidade draconiana da aplicação parcimoniosa e, há um tempo, reprodutiva da receita pública; a difusão contínua do ensino primário, leigo e livre; a execução gradual e atilada das obras de viação terrestre e fluvial e de muitos outros benefícios correspondentes; em suma, uma fúlgida esperança de talento e de saber, posta ao serviço de aprimorada compleição moral e de qualidades práticas: eis o que acentuadamente notabiliza a governação do Dr. Borges de Medeiros”.

O entusiasmo pela re-eleição do nosso candidato é cada vez maior, aumenta e se avoluma a proporção que se aproxima o dia do pleito, que ficara indelével nos anais da nossa história.

Apesar das braçadas, pernadas e gargantas de nossos adversários, num conjunto de idéias heterogêneas, uma verdadeira torre de Babel, sem ideias, sem programas, não colimando outro fim a na ser a posse do governo, desfraldaremos a grande bandeira da vitória.

Os dissidentes da política dominante estão dentro de certas linhas que devem ser acatadas, mas o velho Partido Federalista, que se bate, intransigentemente, pelo parlamentarismo, e que vota num presidencialista “enragé”; o federalismo, que sustenta “ideias não são metais que se fundem” – demonstra que se adapta a qualquer candidato e, pode ficar certo, desaparecerá na voragem e está mandando, desde já, entoar o seu “De profundis” e o seu “requiescat in pace” [descanse em paz].

Srs. – Devemos cerrar fileiras ao redor do nome do Dr. Borges de Medeiros que, há pouco ainda, para o bem do Estado, encampou a Viação Férrea, cujo estado era das piores condições, e que, dia a dia, em passo firme e seguro, a vem colocando em condições de bem atender às necessidades do Rio Grande, decorrentes do seu progresso. É significativo o fato de, em três meses, serem carregadas de Lagoão a Marcelino Ramos para mais de 2000 carros.

Terminando, expresso-vos, mais uma vez, agradecimentos, e fico na certeza de que o Partido Republicano de Passo Fundo saberá, em 25 próximo, cumprir o seu dever.

Passo Fundo, 21 de Novembro de 1935.

194 DISCURSO DA MARIA pg. 110

Discurso pronunciado por Maria Vergueiro, aluna do Colégio Notre Dame, desta cidade, em 8 de Fevereiro de 1924, por ocasião da visita do Ver. Bispo D. Ático Euzébio da Rocha.

– Exmo. E Reverendíssimo Sr. Bispo Diocesano.

Sejam as minhas primeiras palavras ao do cônego Alves Mendes, ao falar a D. Américo, cardeal bispo do Porto:

“A benevolência rivalizou sempre a ilustração, e V. Eminência, tão superiormente ilustrado e tão rasgadamente benévolo, não retrairá, por certo, seus indultos a quem, como eu, hoje mais que nunca, os exora e necessita”.

Quis a nímia bondade da querida Diretora escolher-me para apresentar à Vossa Reverendíssima, nesta memorável visita, as saudações, as mais sinceras e entusiásticas, das alunas do Colégio Notre Dame, e cumpro esse mandato com vivo prazer e intenso jubilo, não só pela distinção que me foi conferida como, e principalmente, pela honra insigne de me dirigir a Vossa Reverendíssima, que, percorrendo, em tarefa piedosa, todos os recantos do município de Passo Fundo, tem observado que a nossa santa religião é aqui cuidada com carinho, com zelo e com amor, espargindo sempre seus benéficos raios aos seus milhares de adeptos.

Na cidade, nos povoados, nas colônias, enfim em toda parte, mostrando o caminho do céu, ergue-se a igreja, alterosa ou modesta, cheia de sublimes e grandiosos ensinamentos. E neste recinto escolar, a par de sólida instrução geral,

que nos é ministrada pelas nossas caríssimas Irmãs, cultivamos, melhorando sempre, a nossa Fé e a nossa crença em Deus, nosso Senhor, a quem, neste momento, as alunas do Colégio Notre Dame enviam fervorosas as suas preces, rogando pela saúde de Vossa Reverendíssima, ilustre e virtuoso representante de Cristo na terra.

Ao lado das nossas respeitadas homenagens, os mais expressivos agradecimentos.

Salve!

Três vezes salve!

Passo Fundo, 22 de Novembro de 1935.

195 QUADRINHAS AO MANECA pg. 113

Houve uma época, 1918 a 1924, em que tive o meu consultório médico na Farmácia Serrana, de Ivo José Ferreira, de quem me tornei íntimo amigo.

Tendo sua digna esposa, em 9 de maio de 1921, dado a luz a um menino, o jornal A Voz da Serra noticiou ter-lhe sido posto o nome de Manoel.

Manoel era o nome do sogro de Ivo, velho fazendeiro e milionário, residente no município de Soledade, e, por isso, resolvi fazer uma brincadeira, enviando, na mesma data, pelo correio, aquele amigo, as quadrinhas abaixo, escritas a máquina, sem mais nenhum esclarecimento.

Foi uma bomba! A Senhora molestou-se e não consentiu que a criança fosse registrada com aquele nome, e sim de Hélio, mas o pequeno ficou com o apelido de Maneca, que conserva até hoje, e como é geralmente conhecido.

O amigo Ivo, passado algum tempo, descobriu o autor das inocentes quadrinhas, e, ainda há pouco, disse-me que as guarda, como lembrança.

Maneca frequenta, atualmente, o Colégio Militar, em Porto Alegre, sendo um excelente estudante.

“Revela espírito prático
O nosso bom boticário,
Colocando no filho o nome
Do velho avô milionário...

Que o Manoel seja feliz,
E haja muitas patacas,
E tenha do avô a benção,
E ainda vinte mil vacas.

Que seja gaúcho lindo,
De bota, espora e laço;
Cavalo gordo, aperado,
Chapéu grande, barbicacho.

No banco, contos de reis,
No campo, gado zebu;
Abraços ao pai e filho,
Do amigo Jeca Tatu.

Passo Fundo, 23 de Novembro de 1935.

196 DISCURSO AO DR. SÉRGIO pg. 115

Proferido em 20 de Dezembro de 1925, nesta cidade, por ocasião de um banquete oferecido ao Dr. Sérgio Ulrich de Oliveira, então Secretário das Obras Públicas:

– Em nome do Partido Republicano, que tenho a honra de dirigir neste município, cumpro o grato dever de apresentar boas vindas ao digno Dr. Sérgio Ulrich de Oliveira, ilustre secretário das Obras Público das, e em meu nome,

particularmente, também o faço, pois orgulho-me de ser amigo desse nosso valoroso correigionário.

Sede bem-vindo!

Alves Mendes, o brilhante e eloquente orador sacro, em sua oração Acadêmica refere que Leonardo da Vinci, sentindo-se desanimado ao colorir a cabeça do Senhor, em sua admirável ceia, só tentou singelamente esboça-la. Assim, Srs., nesta homenagem, essencialmente política, sinto-me pequeno para vos expressar toda a grandeza da satisfação do Partido Republicano desta terra, ao hospedar tão dedicado amigo e tão dedicado defensor da Lei e da Ordem.

Sergio Ulrich de Oliveira, meus amigos, é um nome que se tem imposto à máxima consideração e ao mais elevado apreço deste glorioso Rio Grande do Sul, desta terra amada, que sempre que se faz mister defender a Pátria, quer no exterior, quer no interior, contribui com desassombro e desambição com uma plêiade de heróis, com um pugilo de bravos que vão, com despreocupação pela vida, esculpir, em alto relevo, nas páginas da história, lances homéricos, epopéias gloriosas e imarcescíveis, tornando o vosso nome e o nosso valor cada vez maiores e cada vez mais respeitados.

O Partido Republicano riograndense nunca desejou a guerra, lançada em nossa Pátria por irmãos transviados, que perturbam a Ordem e o Progresso, em um instante em que tanto dela e dele precisamos para soluções de questões em que está empenhada a nossa honra e comprometido o nosso crédito, por irmãos que, cultuando o ódio, em uma sementeira de violências, desperdiçam tantas energias, em uma obsessão mórbida de delírio e de anarquia.

Como bem raciocina Le Bon: “Quanto mais se estuda a História das revoluções, tanto mais se reconhece que elas apenas mudam a fachada. Fazer revoluções é coisa fácil; é muito difícil modificar a alma de um povo”. Eis aí o motivo porque as revoluções no Rio Grande do Sul tem sido sempre sufocadas, pois que não é fácil modificar-se a alma, a essência dessa pujante organização partidária, elaborada por Castilhos e continuada por Borges de Medeiros. A falta de liberdade tem sido sempre o fútil pretexto desses movimentos e, a propósito,

ainda ontem, neste recinto, tivemos o ensejo de ouvir a palavra ponderada e insuspeita do embaixador italiano Barão Julio Cezar Montagna que, em brilhantes e entusiásticas frases, teceu um hino à liberdade existente em nosso Estado.

É preciso não confundir, no entretanto, liberdade com licença. Aquela se opera dentro dos princípios da justiça; esta, tão desejada pelos nossos adversários, seria a fonte permanente de vinganças, de violências e de ódios. E é por isso, por esse ideal, que todos nós nos batemos, de frente erguida, de peito descoberto e de consciência serena, agindo sempre ao redor desse vulto eminente, que é Borges de Medeiros.

Por ocasião da visita da maioria republicana da Assembleia ao Presidente do Estado, a 15 do corrente, S. Ex., em notável discurso de agradecimento às saudações que lhe foram dirigidas, emitiu os seguintes conceitos que transcrevo: “Sois a geração nova, predestinada a conservar, melhorar e transmitir engrandecida aos vindouros a obra gloriosa que os antepassados nos legaram. Cumpre, pois, a todos nós empenhar esforços não só para sustentar esse edifício que aí está soberbo, desafiando a cólera dos tempos, mas preparar também a sua duração até a eternidade, se possível for, compenetrando-nos da necessidade de jamais abandonar esse ideal de continuidade e de aperfeiçoamento refletido”.

Srs. – O que o Rio Grande do Sul quer é a paz e não nos deve preocupar o passado... cubramo-lo com o manto do esquecimento e aproveitemos dele a rude e forte experiência para nos conduzirmos nos empreendimentos do futuro.

Dr. Sergio – Passo Fundo republicano, pelo que de mais representativo possui, autoriza-me a dizer-vos que, há muito, com júbilo, vem observando a vossa brilhante trajetória no cenário político, e o Rio Grande do Sul republicano tem muito a esperar da vossa inteligência, da vossa cultura, da vossa dedicação e do vosso civismo.

Dr. Sérgio, eu vos saúdo com abundância d’alma.

Passo Fundo, 24 de Novembro de 1935.

Em 14 de Julho de 1924, em uma reunião do Partido Republicano, no Clube Pinheiro Machado, desta cidade, li o seguinte manifesto: “Ao Partido Republicano de Passo Fundo”, o qual foi profusamente distribuído em todo o município.

– Terminando, a 15 de Novembro próximo, o mandato intencional que me foi confiado pelo Partido Republicano de Passo Fundo, e tendo de realizar-se, como é de lei, sessenta dias antes a eleição dos diversos cargos, venho, na qualidade de seu diretor local, apresentar ao eleitorado os nomes daqueles que devem merecer os seus votos.

É claro que, para tal, foram consultadas, serenamente, a opinião dos próceres do município e a do preclaro chefe Dr. Borges de Medeiros, obedecendo d’est’arte, à históricas e saltares praxes do nosso glorioso Partido.

Tenho completa convicção de que este, sempre tão coeso e pujante, em diversos prélios memoráveis, na paz como na guerra, bem cōscio de suas responsabilidades, acorrerá às urnas, sufragando os seus candidatos, para sua honra e para sua glória.

Em se tratando de uma eleição de magna importância para esta terra, é imprescindível que todo correligionário, naquele dia, deposite, sem hesitações, na urna o seu voto, e, como disciplinado, que essa seja nos candidatos oficiais do Partido, cuja proclamação, por ordem do eminente Dr. Borges de Medeiros, foi feita pela A Federação, em 17 de Junho findo.

Essa unidade de vistas entre o chefe e os seus correligionários, essa indefectível e inteligente solidariedade, essa disciplina partidária consciente, é que faz a grandeza do Partido Republicano riograndense. A disciplina, já afirmou um ilustre escritor e político, dignamente praticada, em que o chefe reconhece a personalidade de cada um de seus comandados, e, em que cada um destes voluntariamente abdica alguma coisa de si própria, como tributo à coletividade,

é a força criadora dos partidos, e os partidos desse modo organizados e harmonizados perante a lei é que formam a estrutura política da nação.

Assim votando, cumpre-se um dever cívico tanto mais imperioso quanto é certo que a escolha, correspondendo às mais legítimas aspirações do partido e do município recaiu em companheiros de alta distinção e de verdadeiro mérito, como sejam:

Para intendente:

Armando Araújo Annes

Para vice-intendente:

Henrique Scarpellini Ghezzi

Para conselheiros:

Antonio Augusto Graeff

Dr. Ney de Lima Costa

Maximiliano Pereira Ávila

Dr. Piero Sassi

Aparício Langaro

Napoleão Antunes Almeida

– Do distinto candidato à curul intendencial, Armando Araújo Annes, reporto-me, com vivo prazer, às palavras expressas, em telegrama, que, por um grupo de amigos, me foi dirigido, quando em Porto Alegre:– “trata-se de um digno correligionário, de comprovada lealdade republicana, alheio às lutas de campanário, de uma austeridade de caráter modelar e portador de um nome tradicional na política republicana local”.

Nessa síntese admirável diz-se tudo que bem possa recomendar o nome do acatado patrício aos sufrágios de seus pares.

Armando Araújo Annes é hoje uma esperança que surge, transformada amanhã, e disso temos robusta certeza, em brilhante realidade, pois muitos são os dotes que aprimoram, enobrecem e ilustram o seu espírito, e muitos são os elos, fortes e superiores que o prendem à esta terra.

– Quanto à vice-intendência, não poderia ter sido mais acertada a indicação, visto ter focado o nome do valoroso companheiro Henrique Scarpellini Ghezzi, de vida pública não muito longa, mas suficiente para destacar, em relevo, seus valiosos serviços, sua firme e leal dedicação partidária e, mormente, sua notável integridade de caráter, que o eleva a um conceito, não comum, entre os seus amigos.

– Sobre os candidatos ao Conselho Municipal, deles asseguro que são todos cidadãos inteligentes, honrados e laboriosos, dignos servidores da causa pública, capazes de bem e lealmente desempenharem a elevada investidura para que, certamente, serão eleitos em comício, que mais será uma apoteose.

Desse modo falo, seguro e confiante, em face das extraordinárias e inequívocas demonstrações de aplausos, de simpatia e de solidariedade, que me chegam de todos os recantos do município em torno dos nosso candidatos.

– Para finalizar, seja-me lícito, no dia comemorativo do 33º aniversário da Lei Orgânica do Estado, a Constituição do Rio Grande do Sul, recordar o vulto grandioso, e cada vez maior, de Julio de Castilhos, através das suas próprias palavras, que se ajustam perfeitamente ao momento: “Julgo-me no direito de endereçar, nesse sentido, a todos os meus correligionários um apelo de honra. Mantenha-se cada um no seu posto de sempre; cumpra cada um o seu valor inviolável; contribuam todos, com exuberância d’alma, para a mais completa unificação de intuits elevados e de iniciativas conscientes. Nem desavenças, nem rivalidades, nem dispersão de esforços. Um por todos, todos por um. Mais do nunca essa deve ser a nossa divisa sagrada”. Às urnas, correligionários, em 16 de Setembro.

Passo Fundo, 25 de Novembro de 1935.

198 AVESTRUZ E MACACOS pg. 128

Escrito em São Paulo, no Hotel Aurora, à rua Aurora, em 10 de Maio de 1934.

– Quando se curava do movimento revolucionário de 1930, o Sr. Oswaldo Aranha, o seu grande animador, espalhou por todo o rio Grande do Sul, uma série, não pequena, de chaves telegráficas.

Dizem que, em uma delas, maço significava fuzil; banana, munição para o mesmo; avestruz, metralhadora e ovos, munição para essa.

Contavam, em Libres, que um “coronel provisório” da cidade fronteiriça brasileira, endereçava, deste modo, um telegrama aquele político:

“Preciso avestruz ponha quinhentos ovos por minuto” e que, mais tarde, tendo recebido armamento, não em boas condições, redigira um novo, e também notável, despacho: “Recebi macacos e bananas. Macacos descalibrados, muitos sem alça de mira. Bananas de festim, sem pólvora”.

Será talvez pilheria, e assim creio, de algum exilado, mas, em todo caso, e por troça também, a consigna.

199 GENTE NOVA pg. 129

Escrito em São Paulo, no Hotel Aurora, à rua Aurora, n.º 82, em 18 de Maio de 1934.

– Um dos maiores motivos levantados contra o Sr. Washington Luis foi, sem sombra de dúvida, querer o mesmo teimosamente “impor à Nação” a candidatura, à presidência da República, do seu predileto amigo Sr. Julio Prestes, imposição prestigiada, no entretanto, por 17 Estados, contra Paraíba, Minas e Rio Grande do Sul.

Esse procedimento do Sr. Washington Luis, comparado com o atual do teimoso Sr. Getúlio Vargas, é pinto, é canja, como, de vulgar, se diz.

Formularam-se as mais graves acusações da desonestidade contra a República Velha; convenceram ao povo de que os quatro cavalheiros de Apocalipse, fome, peste, guerra e morte, estavam de viagem, em marcha batida, para o Brasil; de que tudo isso era uma imensa verdade; de que o País, enorme queijo cheio de ratos, estava as portas da bancarrota, e de que, muito logo, haveria miséria e desgraça de todo tamanho; criaram, enfim, um ambiente moral propício e deflagraram o movimento.

Contribuíram também para o mesmo, a degola dos deputados eleitos pela Paraíba e outras tristes ocorrências posteriores desenroladas no pequeno e valoroso Estado do Norte, acontecimentos deploráveis, que serviram para inflamar mais a opinião pública, e acender-lhe o facho da revolta.

De um momento para outro, viu-se no poder o Sr. Getúlio Vargas.

Dizia-se que o país estava cansado de velhos, ansiava por gente nova e moça, por uma política nova e sadia e por uma era nova de progresso e de prosperidade. Vai bem a molde, transcrever aqui algumas palavras de Nitti, n'A inquietação do mundo": "nada há mais estúpido do que falar de uma política jovem para designar uma política enérgica. Os jovens do nosso tempo, em todas as formas de atividade, não fazem outra coisa senão seguir ideias e tendências de homens velhos. No campo do espírito, na ação do pensamento, na política, não há nenhuma distinção entre velhos e jovens, mas entre homens inteligentes e homens estúpidos, entre homens cultos e homens ignorantes, entre homens virtuosos e homens corrompidos, entre homens enérgicos e homens fracos".

Os tais jovens da República Nova, em um requinte de gozo, iniciaram-se derrubando antigos funcionários, alguns vitalícios, com flagrante desrespeito à Lei, e entre eles o ilustre Dr. Carlos Penafiel, genro do patriarca Julio de Castilhos.

As cadeias de São Paulo encheram-se, em um luxo de gala, dos mais destacados elementos sociais e políticos do poderoso Estado, como reles criminosos.

A primeira preocupação nos ministérios e repartições públicas foi descobrir as bandalheiras do “barbado”.

Caravanas de detetives, a pingues vencimentos, durante semanas meses, de mangas arregaçadas, derrubaram gavetas, abriram cofres e armários, remexeram papeis, fizeram cálculos, contaram vintém por vintém, examinaram tudo e tudo, e o que descobriram? Nada, absolutamente nada, porque o Sr. Washington Luis foi e é um homem honrado, e a sua passagem pelo governo, quer de São Paulo, quer do Brasil, exuberantemente o demonstrou.

Em seguida, foi enxurrada de leis e de decretos, legislação precipitada e tumultuária, que deixava todo mundo perplexo e estupefato.

Depois, outros decretos e outras leis, interpretativas das primeiras, que mais pareciam charadas e enigmas.

Não raro são os decretos e as leis tornando sem efeito as primitivas, como por exemplo, para citar um, a revogação do decreto n.º 23.264 de 23 de Outubro de 1933, que mandou aplicar, aos produtos originários ou provenientes da França, a tarifa geral em dobro.

A imprensa, que é a voz do povo, viu-se abafada, amordaçada, e ai daquele que infringia a iníqua censura: o responsável era preso algumas vezes e deportado outras. O eterno “pagão” e sofredor, vítima paciente de intermináveis impostos e multas, tinha que ignorar os grandes planos políticos, econômicos e financeiros, a bem da consolidação dos novos e áureos tempos regeneradores.

Os revolucionários, sensatos e de boa fé, acreditavam que a ditadura fosse apenas de alguns meses, dentro dos bonitos postulados da Aliança Liberal, e que o Brasil se reintegraria o quanto antes no quadro constitucional; julgavam que a lei eleitoral fosse objeto de imediato estudo e elaboração; esperavam que a eleição para deputados à Constituinte fosse o retrato da opinião nacional; ansiavam por uma Constituição modelar; aspiravam eleger, dentro de uma fórmula verdadeiramente republicana, o novo presidente; queriam ver, enfim, o Brasil unido e rico, próspero e feliz.

De São Paulo tudo se tirava e nada se lhe dava, até que um dia, exausto de tanto martírio, como um só homem, uma só vontade, uma só energia, lavrando, em gesto leonino, o seu vibrante protesto, lavrou, com o sangue dos seus valentes filhos, as humilhações, os sofrimentos.

Proclamada, com a queda do império, em 15 de Novembro de 1889, a República, tivemos 15 meses depois, em 24 de Fevereiro de 1891, a carta magna do País, mas na ditadura do Sr. Getúlio Vargas só a conseguimos depois de 43 meses. O ditador armou bem a máquina, por meio dos seus interventores, que se tornaram, em geral, chefes de partidos, os quais, por sua vez e ao seu modo, elegeram os “melhores” constituintes que, afinal, agradecidos e surdos ao clamor das ruas, vão elegê-lo presidente constitucional.

Poderiam os novos dirigentes fazer uma obra administrativamente boa e bem intencionada, se não estivessem, tão a fundo, contaminados do vírus maléfico, que derrubou o governo em 1930, agravado pelo ódio que é cego, e pela vingança que é louca.

Diante da crise, medicamente falando, de que sofreu o Brasil, chega-se, como o Robinson, de Nitti, a pensar que tinha razão um velho músico italiano, quando dizia, depois de ouvir os exóticos jazz-bands e os clássicos chimis: “voltemos ao antigo e será um progresso”.

Passo Fundo, 27 de Novembro de 1935.

200 EXILADOS pg. 137

Durante o ano de 1933, estiveram, na Argentina e no Uruguai, exilados por solidariedade à revolução paulista de 1932, os seguintes brasileiros:

Nº	Nome	Ocupação	País	Cidade
1	Dr. João Neves da Fontoura	advogado	Argentina	Buenos Aires
2	Dr. Victor Graeff	advogado	Argentina	Buenos Aires
3	Dr. Aníbal Loureiro	advogado	Argentina	Buenos Aires
4	Dr. João Baptista Luzardo	advogado	Argentina	Buenos Aires
5	Dr. Ibrahim Nobre	advogado	Argentina	Buenos Aires
6	Dr. José Carlos Pereira	advogado	Argentina	Buenos Aires
7	Dr. Glycerio Alves	advogado	Uruguai	Rivera
8	Dr. Flory Azevedo	advogado	Uruguai	Rivera
9	Dr. Mario da Matta	advogado	Uruguai	Rivera
10	Dr. Firmino Paim	advogado	Uruguai	Rivera
11	Dr. Rony Lopes	advogado	Uruguai	Rivera
12	Dr. Waldemar Rippol	advogado	Uruguai	Rivera
13	Dr. João Gonçalves Viana	advogado	Argentina	Libres
14	Dr. Manoel Ferreira	médico	Uruguai	Rivera
15	Dr. Delfino Resende	médico	Argentina	Buenos Aires
16	Dr. Nicolau Vergueiro	médico	Argentina	Buenos Aires

17	Dr. Raul Pila	médico	Uruguai	Rivera
18	Dr. Dalcio Arnome	médico	Uruguai	Mello
19	Lindolfo Collor	jornalista	Argentina	Buenos Aires
20	Austragésilo de Athayde	jornalista	Argentina	Buenos Aires
21	Clarimundo Flores	jornalista	Argentina	Libres
22	Ulysses Machado	jornalista	Uruguai	Mello
23	João Lagomarsino	intendente	Argentina	Buenos Aires
24	João Garcia Cony	intendente	Argentina	São Tomé
25	Turíbio Gomes	intendente	Uruguai	Rivera
26	Dr. Armando Pereira	engenheiro	Argentina	Buenos Aires
27	Dr. Mario Cabral	engenheiro	Argentina	Buenos Aires
28	Anacleto Firpo	comerciante	Uruguai	Rio Branco
29	Outubrino de Mattos	comerciante	Argentina	Apostoles
30	Octacílio Fernandes	func. público	Argentina	Buenos Aires
31	Sylvio Nunes	func. público	Argentina	Libres
32	Aristides Pedroso	func. público	Argentina	Libres

33	Luiz Azevedo	func. público	Uruguai	Rivera
34	Oswaldo Palma	fazenda	Argentina	Libres
35	Coronel Brasílio Taborda	militar	Argentina	Buenos Aires
36	Coronel Euclides Figueiredo	militar	Argentina	Buenos Aires
37	Coronel Palimercio Resende	militar	Argentina	Buenos Aires
38	Major Lysias Rodrigues	militar	Argentina	Buenos Aires
39	Major Cyro Vidal	militar	Argentina	Buenos Aires
40	Major Ivo Borges	militar	Argentina	Buenos Aires
41	Cap. Adherbal Oliveira	militar	Argentina	Buenos Aires
42	Cap. Joaquim Alves Bastos	militar	Argentina	Buenos Aires
43	Cap. Arthur Motta Lima	militar	Argentina	Buenos Aires
44	Cap. Dalício Menna Barreto	militar	Argentina	Buenos Aires
45	Cap. Floriano Peixoto Keller	militar	Argentina	São Xavier
46	Tenente Orsini	militar	Argentina	Buenos Aires

47	Tenente Vicente Saguas	militar	Argentina	Buenos Aires
48	Tenente Aristides Leite Penteado	militar	Argentina	Buenos Aires
49	Tenente Carlos Ximenes	militar	Argentina	Buenos Aires
50	Tenente João da Costa Ferreira	militar	Argentina	Buenos Aires
51	Tenente Gasbypo Chagas Pereira	militar	Argentina	Libres
52	Tenente Leonardo Ribeiro Filho	militar	Uruguai	Rivera
53	Sargento Lorival Lopes	militar	Uruguai	Rivera
54	Sargento Homero Barreto	militar	Uruguai	Rivera

Observações:

n.º12 – foi assassinado, em Rivera, no dia 31 de Janeiro de 1934.

n.º 13 – suicidou-se, em Uruguaiana, em Abril de 1934.

n.º 41 – em um desastre de avião, ao sair de São Paulo com destino a Mato Grosso, ficou gravemente ferido, sendo internado no Hospital militar de Cambuci, onde o visitei, em princípios de Junho de 1934. Ficou completamente cego. Viajava pilotando o aparelho, um coronel, que faleceu horas depois.

n.º 43 – faleceu, em Curitiba, vítima de desastre de avião, em Maio de 1934.

Passo Fundo, 28 de Novembro de 1935.

Escrito, no dia 20 de Maio de 1934, em São Pulo, no Hotel Aurora, à rua Aurora, n.º 82.

– Quando de todos os quadrantes do País, chegaram, quase como prece de enfermo grave, fervorosa e sincera, manifestações da mais intensa simpatia e da mais viva solidariedade à a candidatura do General Pedro Aurélio de Góes Monteiro à presidência constitucional da República houve, por parte de S. S., ao que dizem e ao que parece, um espantoso receio, avantajado passo atrás que, se não obedeceu a um plano, fatalmente o levará, de modo fragoroso, ao abismo do esquecimento, ao pó da indiferença, ou, o que é pior, ao desprezo da opinião pública.

Não se deve precipitar um juízo temerário e de relancina, por isso que o cenário político da capital da República, e do resto de todo o País, é um intrincado labirinto, e ninguém melhor do que o ilustre militar conhece-lhe os caminhos e os segredos das vielas.

Creio, e com sinceridade, que o distinto titular enxergou alvo muito grave pela frente, algum negro fantasma, como o desencadeamento de uma guerra civil que, de fato, pelos seus inomináveis horrores, deve sempre ser evitada, embora com sacrifícios.

Uma boa retirada, em certos momentos, é uma batalha ganha, e é provável que o general haja usado dessa estratégia, para amanhã, em melhores condições, dar decisivo golpe, seco e rápido, com todas as probabilidades de êxito, mas o tempo corre ligeiro, a oportunidade, uma vez perdida, não se encontra mais, e, sobretudo, não se esqueça o “homem forte” de que a sua passagem pelo Ministério da Guerra talvez esteja com os dias contados.

Góes Monteiro é exímio pescador de “pirarucus”, mas Getúlio Vargas é hábil comedor de pirarucus...

S.S., pela sua posição atual, é a mais alta autoridade militar e, por isso mesmo, a de maior responsabilidade, e tem um pesado fardo às costas: ou leva a Nação, com o Exército, para a glória, ou então, mudo, pálido e de cabeça baixa, há de vê-lo vencido pelo caudilhismo, pelos honorários, pelos provisórios.

Esse é o grande dilema.

É o “decifra-me ou devoro-te” da lenda.

Aprecio o general Góes Monteiro pela sua inteligência e pela sua cultura, pela sua honestidade e pelo seu amor cívico, mas desgostam-me profundamente as suas contínuas e pilhéricas entrevistas.

A palavra é prata, mas o silêncio, principalmente em política é ouro.

O brioso Ministro da Guerra, pela austeridade do seu próprio cargo e pela excepcional gravidade do momento que se atravessa, deveria ser mais discreto, mais circunspeto... da popularidade, pela estrada tortuosa dos “equivocos” à vulgaridade a distância é pequena, e o velho exemplo do Capitolino à rocha Tarpeia é uma verdade que, constantemente, se vem reproduzindo.

Góes Monteiro, melhor do que ninguém, sabe que a vitória de Wellington sobre Napoleão, em Waterloo, foi devida a teimosa indecisão de Grouchy, apesar do grito veemente de Gerard, aplaudido com vibração, por quase todos os oficiais e praças da coluna, que perseguia o exército prussiano de Blücher:

“il faut marcher au canon”

Medita, Pedro Aurélio sobre “el cuento” tome animo, resolva, decida-se, assuma o comando, mande ruflar os tambores e ordene aos seus soldados:

“allors, enfants”

e raiará, pelo Brasil, um nosso e novo

“le jour de gloire”

Acredito, mas não muito, é quase nada mesmo, na ação, neste momento, do general, mas confio, com segurança, na energia e no valor do glorioso Exército de minha Pátria, que nunca soube, não quer e não pode viver enxovalhado.

Haverá alguém que possa, de são consciência, dentro da moral e da razão, afirmar que o nosso estado político, econômico, financeiro, melhorou com o governo provisório?

Não, absolutamente não.

Temos retrogradado em tudo.

Precisamos de alguém que salve o Brasil, e esse alguém só pode ser o exército, que é a expressão máxima da força, garantia da lei, guarda avançada da honra, sentinela vigilante do bem e da prosperidade do País.

Não lhe cumpre só zelar pela nossa integridade física...

Passo Fundo, 29 de Novembro de 1935.

202 UMA NOITE NO EXÍLIO pg. 145

Escrito em São Paulo, no dia 21 de Maio de 1934, no Hotel Aurora, à rua Aurora, n.º 82.

Entre os bons amigos que encontrei em Libres, no exílio, Octacílio Fernandes, Sylvio Nunes, Aristides Pedroso, Gasbypo das Chagas Pereira, Vicente Saguas, João Garcia Cony e Oswaldo Palma, cuja distinção não sei e não posso fazer, houve, no entretanto, um, o último, que desde logo, me chamou a atenção e por vários motivos.

Cerca de 33 anos, olhos pequenos e vivos, claro, alto, de grande barba negra, basta cabeleira caindo-lhe sobre os ombros, vestido, a rigor, de autêntico gaúcho, cantor de modinhas, tocador de violão, inteligente, generoso, muito alegre, mas de temperamento delicado e excessivamente nervoso.

Educado nos Estados Unidos da América do Norte, falando diversas línguas, com apreciável cultura, Palma sempre se revelou uma grande alma e um imenso coração generoso. Só não dava uma esmola quando não tinha dinheiro, ou quando

lho faltava “cambio” e presenciei, de uma feita, trocar um “peso” o único que tinha, para dar, sorridente, 20 centavos a um pobre que lhe estendera a mão.

O seu quarto era uma miscelânea, tinha de tudo, principalmente revistas, livros, jornais brasileiros, argentinos, uruguaios, americanos, espalhados por toda a parte.

Era seu costume levantar-se às 3 horas da tarde, argentinas, o que significa 4 no Brasil.

Tornamo-nos íntimos.

Serviam o jantar às 9 da noite, de modo que só às 10 ½ terminávamos a refeição.

Mesa grande, todos exilados.

Frequentemente a palestra, sempre sobre política e assuntos do Brasil, era viva, acalorada, azedando-se às vezes, mas sem maiores aborrecimentos.

Não raros eram os dias em que, troca, dos apenas cumprimentos, não falávamos, correndo “el puchero” em profundo silencio e nenhum se atrevendo a rompê-lo: eram as saudades cruciantes dos pagos que nos embargavam a voz. Fagundes Varella, nas “Vozes da América” escreveu um dia:

“Passei tristinho dos salões no meio,
Atravessei as turbulentas praças
Curvado ao peso de uma sina escura;
As turbas contemplaram-me sorrindo,
Mas ninguém divisou a dor sem termos
Que as fibras do meu peito espedaçava,
O exilado está só em toda parte.”

O nosso principal passeio, quase que único, era ao redor da grande praça da Igreja de São José, toda calçada de mosaico e com um lindo jardim, onde sobressaiam centenas de roseiras. Foi aí, nessa praça, que o prezado amigo, Dr. Victor Graeff, dedicado companheiro de viagem e de quarto, pronunciou, por ocasião de uma festa pátria argentina, em nome dos exilados brasileiros, um discurso daqueles

que ninguém melhor do que ele sabe fazer e dizer, brilhante oração que, mercidamente, lhe granjeou, e à nós também, as melhores simpatias.

Dividíamo-nos e pequenos grupos, fazendo muitas voltas pela praça, sentando-nos depois para melhor apreciarmos a elite da sociedade librense, que ali se reunia à tarde e à noite.

Para nós, as saudações comuns: buenas noches, señor, mas para o Victor só se ouvia, e a todo instante, adiós, Victor; adiós, Victor, expressão de afeto e de intimidade. Pudera! Se era o único solteiro, jovem, talentoso, de esmerada elegância e o nosso representante em todas as festas e bailes!...

Cerca de meia noite, depois de lançarmos um olhar saudoso para as luzes de Uruguaiana, que resplandeciam do outro lado do Uruguai, recolhíamo-nos, como pesadas sombras ao hotel.

Victor seguira a Buenos Aires, e Palma vinha todas as noites ler e conversar comigo ate altas horas da madrugada.

Líamos Keyserling, Soiza Reilly, Roldan, Amado Nervo, Guido y Spano, Sarmiento, Marianni, Horácio Quiroga e outros autores.

Veio-nos às mãos um folheto de Francisco Waldomiro Lorenz sobre “Elementos de quiromancia” ou melhor de “quirosófia” como que Sana Khan, cuja leitura iniciamos com relativa curiosidade, observando, ao mesmo tempo, as nossas mãos.

Mais tarde, João Neves da Fontoura, sabedor, por Baptista Luzardo, do nosso estudo, enviou-me, de Buenos Aires, com expressiva dedicatória um tratado de Desbarrolles: Les mystères de la main.

Lá pelas três da manhã encontramos a descrição da linha da intuição, denominada também, mercuriana, e que parte do monte de Mercúrio e estende-se verticalmente, chegando muitas vezes a unir-se com alinha do destino. Essa linha é bem acentuada nas pessoas dotadas de faculdades mediúnicas. Nas minhas mãos não se revelava, mas nas do Palma sim, e nitidamente.

Nessa ocasião, Palma, entre outros interessantes comentários, lembrando, com carinho, o nosso prezado Dr. Adão Araújo, me referiu que, de fato, ele era médium escrevente, e que não se dedicava ao assunto, faltando-lhe, portanto, o necessário aperfeiçoamento.

Palma, de um momento para outro, torna-se muito pálido, de respiração ofegante, de contrações violentas, de gestos bruscos, e lança mão de um lápis e de um bloco de papel, escrevendo as várias folhas que guardo em meu poder, e cuja transcrição passo a fazer:

Depois de traçar em uma folha riscos concêntricos, tão fortes que chegam a rasgá-la, escreveu na 2^a por duas vezes a palavra Vergueiro, e na 3^a: “eu quero lhe falar, eu sou o amigo Sebastião Soares, diga se recorda de mim” e continuou na 4^a “eu sempre lhe quis bem, eu fui morto em São Jerônimo” e por diversas vezes escreveu o nome dessa cidade. Imediatamente, na 5^a: “o senhor já não se lembra de mim, fui morto em 3 de Agosto de 1927. Recorda-se? Não. O senhor diga o que quer de mim?”

Na folha seguinte, continuou deste modo: “é isto que eu quero para o senhor: o seu bem e o dos seus. Situação difícil e futuro muito incerto. Ouça a palavra de fé e de bondade para quem já deixou essa vida de sacrifícios, quase todos de uma completa inutilidade. Ouça, uma grande desgraça ameaça o Brasil; ouça, o tempo dirá quais os bons, quais os maus filhos que enlutam os lares sem terem a menor noção de um gesto de humanidade, tudo é vaidade”.

Foi quando pedi que dissesse qual o bom e qual o mau, respondendo-me assim na 7^a: “o que o senhor pergunta é próprio dos que aí vivem; eu já passei para outra vida; aqui tudo é calmo; sinto uma grande pena pelos que aí vivem a sonhar com o reino da paz, que jamais terão na terra. Ainda vou lhe dizer, não acuso, amo a todos porque todos terão que passar por graves provações para poderem se purificar. A intenção será boa, mas o senhor garante que depois da guerra todos se irmanarão??” Logo após, na 8^a: “ouça os bons sempre passam, como é natural, despercebidos, porque os maus são os que surgem adiante dos acontecimentos que sacodem os países, que anseiam pela paz e pela regeneração dos costumes;

os movimentos armados trazem sempre esse grande inconveniente. Adeus. Sebastião Soares”.

Lembrei-me então de perguntar, o que fiz mentalmente, se Sebastião queria uma oração ou de que precisava, escrevendo o médium, por último: “Basta a sua oração, sou feliz. Adeus aos dois, sempre poderei voltar, sou liberto. Adeus. Sebastião Soares”. Palma despertou, dispnéico, e eu lhe tomei o pulso, constatando 120; abri a janela para lhe dar um pouco mais de ar. Levantou-se caminhou a passos largos, movimentando os braços, abraçou-me em seguida, dizendo-me tão somente: “boa noite, amigo”.

Eram 5 horas da manhã, do dia 16 de Agosto de 1933.

Acompanhei-o, de longe, até entrar em seu quarto.

No outro dia, todos os exilados, a quem nada absolutamente referi, perguntavam-me o que havia acontecido ao Palma, que tinha uma expressão muito abatida e aspecto de quem estava enfermo.

O prezado companheiro, de quem recordo-me sempre com saudades, contou-me que dormia bem, acordando-se um pouco estonteado e que sentia apenas algumas dores vagas nas pernas e nos braços.

Quando lhe mostrei o que escrevera, leu atentamente, afirmando de nada se recordar.

Não bordo, de momento, nenhum comentário sobre o que aí fica relatado. Até hoje não posso me lembrar de Sebastião Soares, mas vou fazer séria e severa indagação a respeito.

Passo Fundo, 30 de Novembro de 1935.

203 DOIS ESCLARECIMENTOS pg. 156

Em 15 de Junho de 1934, escrevi, em São Paulo, o seguinte:

– Hoje, às 3 horas da tarde, quando subia a Avenida de São João, em direção ao Hotel Aurora, sito à rua Aurora, n.º 82, onde, no quarto n.º8, estou hospedado, encontrei-me com Nilo Tocantins, conhecido e amigo do Rio Grande do Sul, onde, em Janeiro de 1923, servira, sob as minhas ordens, na defesa da cidade de Passo Fundo, sitiada pelos libertadores.

Nilo, a quem coubera difícil e perigosa posição, nas proximidades do cemitério, revelou-se, com um pugilo de bravos, um homem verdadeiramente valente e audacioso.

Depois do sítio serviu o mesmo no 6.º Corpo Auxiliar da Brigada Militar, onde prestou magníficos serviços.

Em 1925, perdi-o de vistas, dele tendo apenas vagas notícias.

O nosso encontro, como era natural, foi muito amistoso, e viemos para o hotel onde, tomando chimarrão, recordamos aqueles tempos revolucionários.

Nilo referiu-me ter servido à causa de São Paulo, em 1932, sob o comando do Coronel Euclides Figueiredo.

No decorrer da nossa palestra, lembrando nomes dos que estiveram com Nilo, em 1923, disse-me entre outras coisas, o seguinte: “Os meus homens eram, de fato, valentes e dispostos, e o meu braço direito era o Sebastião Soares, que era, Dr., muito seu amigo”.

Ao ouvir, entre pasmo e satisfeito esse nome, indaguei-lhe com viva curiosidade do mesmo, sabendo que era um rapaz claro, alto, forte, corajoso e que, segundo constava a Nilo, já era falecido.

Desde o afastamento, já há anos, de Nilo, do Rio Grande do Sul, nada mais me pode esclarecer.

Então relatei-lhe os acontecimentos descritos, por mim, sob o título “Uma noite no exílio”

– Em 5 de Agosto de 1934, já aqui em Passo Fundo, escrevi a seguinte nota: Estou hoje, em meu consultório, o meu velho amigo e dedicado correligionário Ricardo José de Oliveira, mais conhecido pelo apelido de Mingote.

Depois de uma cordial palestra, lhe referi o meu encontro, em São Pulo, com Nilo Tocantins.

Mingote teceu os maiores elogios à bravura de Nilo, no sítio de Passo Fundo e, sem que eu nada lhe perguntasse, falou também na de Sebastião Soares. Fazendo-me de desentendido, perguntei-lhe quem era Sebastião Soares, e sua resposta foi esta: “um moço de Soledade, muito valente, que, em 1923, serviu com Nilo, e depois, em 1925, comigo no 6º Corpo, e que, um ou dois anos depois, foi assassinado em São Jerônimo, quando havia para ali levado uns cavalos para vender”.

Diante disso, trouxe Mingote à minha casa, lendo-lhe: “Uma noite no exílio” e a palestra com Nilo, escrevendo, em seguida esta nota.

Passo Fundo, 30 de Novembro de 1935.

204 AO POVO DE PASSO FUNDO pg. 159

No momento em que as forças revolucionárias, sob meu comando, em 3 de Outubro de 1930, marchavam contra o Quartel do 8.º Regimento de Infantaria, fiz divulgar amplamente, na cidade, a seguinte declaração:

Ao povo de Passo Fundo

Governador civil desta praça, em nome da Revolução Brasileira, cupmre-me fazer a presente proclamação, menos de exposição de motivos que de palavra de calma, ordem e respeito.

Povo da minha terra, confia na ação da tua gente, porque é ter confiança em ti mesmo.

O exército, que é tirado do teu seio, está conosco, em sua quase totalidade.

A nossa vitória é certa, como é certo que o povo do Brasil é livre.

Tem calma.

Não desesperes porque a nossa ação é patriótica.

Será punido sumaria e severamente todo aquele que praticar qualquer ato de desrespeito ou depredação.

Há esta hora todo o Rio Grande, como todo o Brasil, num vibrante hino de civismo, avança, com a bandeira da liberdade à frente, contra as muralhas do despotismo, para destruir com a labareda dos seus ideais, a bastilha, aonde os maus brasileiros, políticos profissionais, vem tramando a nossa infelicidade.

Tudo por um novo Brasil, são e redimido.

Passo Fundo, 3 de outubro de 1930.

Dr. Nicolau Araújo Vergueiro.

Passo Fundo, 1.º de Dezembro de 1935.

205 ATA DE RENDIÇÃO pg. 161

Conservo no meu arquivo, o seguinte documento que transcrevo:

– Aos quatro dias do mês de Outubro do ano de mil novecentos e trinta, no Gabinete do Comandante do Oitavo Regimento de Infantaria, em Passo Fundo, presentes o Dr. Nicolau Araújo Vergueiro, intendente municipal e chefe revolucionário, comandante e oficiais do Corpo, ficaram assentadas as seguintes bases para a rendição do Quartel:

a) Às praças será dada liberdade de irem para suas casas e, nesse caso, não serão de maneira alguma hostilizadas, ou de aderirem ao movimento, ou, finalmente de ficarem com os oficiais;

- b) Esses consideram-se prisioneiros, comprometendo-se os chefes revolucionários a enviá-los para Porto Alegre, onde se encontra detido o comandante da região;
- c) Para a viagem, os chefes revolucionários porão a disposição dos oficiais trens com as comodidades necessárias.
- d) Em qualquer caso, os oficiais prisioneiros serão tratados com as honras devidas aos seus postos;
- e) O comandante fará entrega ao Intendente Municipal, Dr. Araújo Vergueiro, do quartel com todo material existente. E como assim ficou combinado, foi lavrada a presente ata, em duas vias, uma das quais ficará em poder do comandante e outra com o Intendente Municipal (assinados) Dr. Nicolau Araújo Vergueiro, Cel. E. Leitão de Carvalho.

206 HORA DO SILÊNCIO pg. 163

Escrito, no dia 30 de Maio de 1934, em São Paulo, no Hotel Aurora, à rua Aurora, n.º 82.

– Todos, neste vale de lagrimas, tem, seguramente, há sua hora, a que ninguém escapa: é a tal hora H.

Ela vem e vem mesmo, não há que fugir, e depende de mais ou menos tempo, que só Deus na sua infinita sabedoria, pode prefixar.

O glorioso Estado de São Paulo, entre outras tantas e muitas horas sublimes, como as de 23 de Maio e as de 9 de Julho de 1932, nessa questão dos rádios e da “hora educacional” teve a sua magnífica e expressiva “hora do silêncio”.

Mais uma vez me convenço da bela verdade dos versos de Vigny:

“Seul le silence est grand...

Tout le reste est faiblesse”

O altivo povo paulista não esquece as humilhações que sofreu, os vexames que lhe impuseram, tem bem viva em sua memória, os seus M. M. D. C., repele todo e qualquer contato com o pitoresco Sr. Getúlio, a quem não tolera, e não quer ouvir, seja sob que título ou pretexto, a ronhosa do Catete, e esse gesto de bandeirante é de uma impressionante significação, tal como o silêncio que precede às grandes tempestades, mas o ditador feliz e risonho, que só não sorriu no dia da “Festa do Riso” não quer, obstinadamente, compreendê-lo, interpretá-lo.

E só o Sr. Washington Luis é que é birrento, mau e teimoso!!

Calculo, pela marcha da Assembleia, que a eleição presidencial da República efetuar-se-á em fim de Junho ou na primeira quinzena de Julho, e, segundo todas as probabilidades, o Sr. Getúlio Vargas obterá uma grande maioria, consumando-se assim o maior erro e o maior escândalo da Revolução.

Censurando-se, do modo mais vergonhoso, a imprensa, enchendo-se o Rio Grande do Sul de milhares de provisórios, pagos pelo Tesouro Federal e prontos para “garantir a ordem dentro e fora do estado” despreza-se, zomba-se, excita-se mesmo a opinião geral do País, que é inteiramente contrária aquela eleição.

Chego a pensar que esta gente está louca ou perdeu a vergonha, e bem dizem que o pior cego é aquele que não quer ver.

Não vem que o temporal está armado, que, como nos últimos tempos do governo, em França, de Luiz XVI, existe uma “tensão elétrica, vibrando na atmosfera pejada de fogo” que a Nação, cansada da rude experiência de 43 meses de ditadura, não pode mais confiar nesses homens e anseia, com ardor, por um outro governo, que cuide dos seus magnos interesses e ampare nessa queda fragorosa?! Nós, o povo, eterno “pagão” conhecemos apenas o superficial, aquilo que não se pode ocultar, mas no dia em que vier à luz os fatos ocorridos nos bastidores, e até hoje abafados, câmbio negro, banha, contrabandos de café, de gado, açúcar, algodão, lã, sedas, fortunas inexplicavelmente feitas de um dia para outro, jogadores de vultosas somas, funding, exata situação financeira, etc. etc. o espanto será enorme e a revolta proporcional.

A permanência do Sr. Getúlio Vargas, no Catete, é a maior garantia da intranqüilidade e da desordem, das conspirações e das revoltas, mas há de chegar, e não está longe, há sua hora, a das vacas magras, cujos mugidos já se ouvem nas praias do Flamengo e do Botafogo, e então aquela “onça” não terá água para beber, a não ser a do mar, em viagem “risonha” para as costas da África.

Nesse “mare magnum” não se precisa ser profeta para prever a queda do ditador... ela é mais do que lógica, é biológica, na frase de Ibrahim Nobre.

Passo Fundo, 2 de Dezembro de 1935.

207 DOIS CRIMES pg. 168

Escrito, em São Pulo, no dia 6 de Junho de 1934, no Hotel Aurora, à rua Aurora, n.º82.

– Aprovou, ontem, a Assembleia Constituinte, o famoso art.14 da “Disposições transitórias” e, assim, se fez a vontade do interessante e longo Sr. Juarez Távora: “pelo amor de Deus e pelo amor do Brasil”.

Não será de se estranhar, nesta época de surpresas, de absurdos e de ignomínias, que, como homenagem, seja decretado feriado o 5 de Junho, mas é certa, certíssima, como recompensa, ao melhor pagamento, a transformação da Assembleia em Câmara Ordinária: outra grandessíssima maroteira, imoralíssima patifaria.

A Constituinte está mesmo a merecer uma chuva de enxofre e fogo, semelhante a dos tempos bíblicos, que destruiu Sodoma e Gomorra.

Aquele ato não reflete, sem sombra de dúvida, a opinião nacional, que está sendo dia a dia, insolentemente desafiada, e foi o último dente arrancado do conhecido cadáver da revolução.

Dois grandes e sensacionais crimes registraram-se nos dias do corrente Junho: um, em São Paulo e outro, no Rio: o do bárbaro soldado, do quilômetro 18 da

estrada Quitaúna, eliminando o seu pobre adversário, o infortunado Cyrillo Pereira da Silva, com 246 facadas, e o da Constituinte, aprovando em globo e no escuro, sem direito ao santo remédio da Justiça “excluída qualquer apreciação judiciária todos os atos do governo provisório e dos interventores.

E qual deles é o mais nefando e o de mais graves consequências?

A resposta, por certo, é uma só: o último, que, além do resto, traduz o espantoso horror às responsabilidades, que tanto apavora os covardes.

No primeiro, de ordem material, apenas uma lastimável vítima; no segundo, de ordem moral, centenas, milhares.

Mas, para todo o cidadão digno, o pior de tudo é a parte moral, cuja aparência nem sequer souberam salvar.

O triste ridículo, golpeando-lhes as nádegas e esporeando-lhes a barriga, castigará, pelos tempos afora, inexoravelmente, os homens da Assembleia e da ditadura, que, por aquela porta estreita e baixa, foge espavorida da saneadora luz que esparge o templo da Justiça, divina farmácia social, onde, para cada caso, se encontra o verdadeiro medicamento específico.

Honraram, no entretanto, o nosso patrimônio moral representantes, cujos nomes, a bem da história, convém registrar: Sampaio Correia, Maurício Cardoso, J. J. Seabra, Cincinato Braga, Henrique Dodosworth, Acúrcio Torres, Adroaldo Costa, Fernando Magalhães, Miguel Couto, Daniel de Carvalho, Christiano Machado, Carneiro de Rezende, Alcântara Machado, Márcio Whitaky, Minuano de Moura, Almeida Camargo, Oscar Rodrigues Alves, Adolpho Konder, José Ulpyano, Abelardo Vergueiro Cezar, Aloysio Filho, Furtado de Menezes, João Guimarães, Cardoso de Mello Netto, Carlota Pereira de Queiróz, Henrique Bayna, Barros Penteado, Levindo Coelho, Monteiro de Barros Filho, Roberto Simonsen, José Carlos de Macedo Soares, Abreu Sodré, Ranulfo Pinheiro Lima, Hypólito do Rego, Polycarpo Viotti, Moraes de Andrade, Pacheco da Silva e poucos mais.

Essa plêiade de altivos veio provar que nem tudo está perdido nesse dilúvio de destruição.

Um telegrama, de hoje, de A Noite, do Rio, refere que os peregrinos de Braironji noticiam ter sido Shambuth, com 125 anos de idade, e com 50 da direção de um templo, sepultado vivo, a pedido seu, por terminar, digo considerar terminada a obra de sua vida... e é pena que o Sr. Getúlio, há 43 meses no governo da ditadura, não pense dar por finda a sua...

Não sei se é pelo grande desejo de querer, mas tenho a impressão de que já ouço, não muito longe, o barulho das pororocas... e as águas do Amazonas, apesar do poder do mar, vencem sempre...

Disseram, por lá, no calor dos debates, que a revolução matou a Aliança Liberal.

A Aliança está vingada: a Constituinte matou a revolução.

E agora, ao povo, na sua valente sabedoria, compete julgar e fazer justiça... e, se não a fizer, terá então o governo que bem merece, e somente poderá queixar-se de si mesmo...

Passo Fundo, 3 de Dezembro de 1935.

208 A FILHA DE FRANKSTEIN pg. 173

Escrito, em 7 de Junho de 1934, em São Paulo, no Hotel Aurora, à rua Aurora, n.º82, onde estive cerca de 4 meses, à espera da Promulgação da Constituição Federal, a fim de poder regressar ao Rio Grande do Sul.

– Em 3 de Maio de 1933, o povo elegeu a um determinado número de cidadãos, para elaborar, em Assembleia, uma nova Constituição e tomar conta dos atos do governo provisório.

Até aí está tudo certo e muito bem. A Constituinte reuniu-se sob a chave de um regimento interno, severo e rigoroso, draconiano e absorvente, organizado em laboratório especial, ao sabor da ditadura.

Aquela chave tinha o dom misterioso de fechar, e não mais abrir, quase todas as portas da liberdade, algumas das quais foram arrombadas por um pugilo de bravos.

A tomada de contas, que deveria ser questão de honra para a própria ditadura, não se realizou: foi tudo aprovado “pelo amor de Deus e pelo amor do Brasil” de uma só vez e em completa escuridão, em uma ânsia tal que só pode significar medo.

Depois de laboriosa gestação, nasceu uma criança de sexo feminino, que foi registrada como filha de Frankstein, e que tem todos os característicos do pai: um pedacinho de cada um.

A pobre mãe, constituinte e provisória, sofreu tanta massagem, levou tanto empurrão, e foi tão pisoteada que, em sete meses, deu a luz...

Agora, para confortá-la dos abalos, vai ser transformada em mãe permanente, e o “Zé”, estarrecido e besta, terá que aguentá-la ou então que sair, de porrete em punho, para as ruas, repelindo assim as afrontas cuspidas em sua soberania.

À “pequena” reserva-se um triste fim: será um brinquedo nas mãos do “pequeno”, que como inteligente e endiabrado menino, “l’enfant terrible”, a primeira coisa que vai fazer é riscá-la toda, depois rasgá-la, atirando-a a um canto por doida e imprestável.

Pobre povo brasileiro!

Até quando irás tu sem a energia de uma... patada?

Passo Fundo, 3 de Dezembro de 1935.

209 ÚLTIMOS DIAS EM LIBRES pg. 176

Escrito, em São Paulo, em 14 de Junho de 1934, no Hotel Aurora, à rua Aurora, 82.

– Em 20 de Dezembro de 1933, cheguei, às 7 horas da noite, à Libres, pelo rápido que demandava Paraguai, de regresso de Buenos Aires, onde passara quatro meses, no Hotel Reina, à Avenida de Mayo, 1120.

A 26 foram presos quatro argentinos, hóspedes do Hotel Central, em quarto contíguo ao meu, revolucionários suspeitos, como, de fato, eram e cidadãos do mais alto destaque político e social.

À 27, chegou Luzardo.

Às duas da madrugada de 28, Libres foi atacada por 500 homens, armados, do Partido Radical, travando-se violento combate com as forças do exército ali aquarteladas e fieis ao governo do General Justo, presidente da Argentina, peleja que se prolongou até às 10 horas da manhã, quando os revoltosos retiraram-se, rumo ao Brasil, perseguidos já por aviões daquele País, que bombardearam impenitentemente, os seus patrícios fugitivos, espavoridos e desordenados, com abandono de feridos, armas e munições.

Até mesmo na travessia do rio Uruguai, aos magotes em lanchas, à gasolina, e canoas, foram metralhados sem descanso!

Como médico, cujos serviços foram afavelmente solicitados pelo Comissário de Polícia, prestei socorros a cerca de 20 feridos.

Os jornais da Argentina afirmavam ter havido para mais de 70 mortos, o que julgo exagero, calculando, pelo que vi e soube, 40.

Chegaram, de Buenos Aires, no mesmo dia, 17 aviões.

A vigilância, em Libres, foi enorme. Grupos de soldados armados em todas as quadras. Todos os automóveis particulares ou de alugueis, foram requisitados. A praça e ruas próximas do quartel foram interditadas. De noite não se podia sair sem correr grande perigo e Yaygué, o lancheiro nosso patrício e amigo, residente em Libres para mais de 15 anos, estimado por todos, foi morto brutalmente por um soldado argentino, quando cruzara pelo corrico, à 1 hora da noite, com destino à sua casa.

O soldado intimou-o a fazer alto, e Yaygué, que era um pouco surdo, não ouviu, recebendo, em seguida, um formidável tiro no ventre.

Nessa mesma madrugada, fui, com Luzardo, e para maior garantia nossa acompanhados por elementos da polícia, examiná-lo, e nada mais pudemos fazer, falecendo ao clarear do dia.

À 8 de janeiro, Gasbypo e Sylvio, na eminência de serem presos pelo governo argentino, a pedido do brasileiro, e internados, a escolha, em uma das províncias Salta, Tucumã ou Santiago del Estero, passaram para o Brasil.

Luzardo voltou, a 15, para Buenos Aires.

Victor Graeff embarcou, a 18, para Porto Alegre.

Aristides Pedroso residia, com sua família, em casa alugada e distante, inteiramente preocupado com o seu negócio de transportes de mercadorias, principalmente lã, do Brasil para a Argentina.

Fiquei então só no hotel, e foram, por certo, os piores dias do meu exílio.

Li e escrevi muito... tout casse, tout passe et tout lasse...

Lembrei-me, nessa ocasião, que Victor Hugo fala dos que vão sozinhos pelos campos e assobiam para fazer companhia a si mesmos, e tentei assobiar pedaços de velha óperas e de antigas operetas tantas vezes ouvidas; de valsas, da minha mocidade, já distante, e tantas vezes dançadas, mas – sempre o complicado mas – apesar de muito gostar de música, e sentir a doçura e suavidade inebriantes de suas melodias, tive sempre um mau ouvido, incapaz de guardar e reproduzir, mesmo o mais popular dos tangos, La cumparsita.

Comecei a perder o meu bom humor, e a me tornar, hora a hora, irrequieto, impertinente, percebendo que estava às portas da neurastenia, irritado ainda mais por uma estúpida e brutal insônia.

Além disso, Libres, cidade arenosa e à margem direita do Uruguai é, sem favor algum, o lugar de mais calor por onde hei estado, agravado por uma quantidade de mosquitos pernlongos, como nunca vi e nunca supus.

Apesar de tudo, estava firmemente resolvido a ali permanecer até a volta da Lei Magna ao Brasil, mas – outra vez o mas – o homem põe e Deus dispõe.

Lagomarsino chegara, a 28, da capital portenha.

Vindo, à 31, da Igreja, às 11 horas da manhã, soube, por pessoa fidedigna que, de Buenos Aires, o governo indagará se eu permanecia em Libres, e quais ainda os exilados brasileiros que aí estavam.

Por quê?

Octacílio Fernandes fora, naqueles dias, preso na Capital argentina, conseguindo, pitorescamente e habilmente, fugir.

Jovelino Saldanha passara, um ou dois dias antes, escoltado de São Tomé para Buenos Aires.

Procuravam, com ordem de prisão, a Gasbypo e Sylvio.

Nessa emergência, para evitar uma violência inexplicável, porque não tramávamos contra a ditadura, por absoluta falta de recursos e de meios, senão por falta de vontade, preferi arriscar a ser preso na minha própria Pátria, e, naquele mesmo dia, às 3 da tarde, juntamente com Lagomarsino, em confortável lancha à gasolina, cedida gentilmente por Pedroso, vim para Uruguaiana, de onde, depois de passar alguns dias no Hotel Paris, de Santich, segui, por Bagé, diretamente ao Rio Grande, embarcando, no Itapagé, a 2 de Março, para o Rio, onde cheguei a 6 do mesmo mês.

Aí, na casa do meu cunhado Dionysio Cabeda Silveira, em Copacabana, permaneci alguns dias, mas como estava sendo muito vigiado pela policia da ditadura, viajei para São Paulo, onde me encontro e aguardarei a promulgação da Constituição, a fim de, no dia imediato, regressar ao meu querido Passo Fundo. Em São Paulo, sempre tive a mais ampla liberdade.

Passo Fundo, 4 de Dezembro de 1935.

No dia 1.º de Novembro de 1930, viajei, de automóvel, daqui a Porto Alegre, de onde pretendia seguir ao Rio de Janeiro, a fim de, sobre o movimento revolucionário, irrompido a 3 de Outubro e vitorioso a 24 do mesmo mês, com a prisão, no Rio, do Dr. Washington Luis, então presidente da República, conferenciar com o Dr. Oswaldo Aranha.

Não me era possível seguir por estrada de ferro via São Paulo, visto como o tráfego ainda não estava restabelecido.

Da chegada à Capital do Estado, não consegui tomar passagem num dos dois vapores, que saíam na primeira semana, Aratimbó e Itaimbé, por isso que todos os camarotes já estavam reservados, sem um leito sequer disponível, o que se explica pelo desejo de muitos rio-grandenses irem, ao Rio, assistir, a 15, a posse do ditador Getúlio Vargas.

Resolvi então seguir de avião, e maneí, numa segunda-feira, reservar-me um lugar no aparelho do Sindicato Condor, que seguiria na sexta-feira próxima.

Na noite de terça para quarta, sonhei com um grande desastre, vendo-me em tremenda luta com as ondas revoltas.

Sem muito me preocupar, atribui o sonho ao natural receio de uma primeira viagem aérea.

Na noite de quarta para quinta, o sonho se repetiu com maior intensidade, chegando ao ponto de ver minha Mãe, que me pedia não viajasse de avião.

Acordei-me sobressaltado e nervoso, resolvendo desistir da viagem, avisando em seguida, por telefone, à companhia, da minha resolução.

Às 10 horas da manhã, ao sair do hotel Lagache, encontrei-me com o amigo Ezequiel Maristany, o qual disse-me ir à minha procura para ceder-me o seu camarote, no Itaimbé, visto como, por motivo de força maior, não lhe era possível viajar, e soubera, pelo Dr. Sinval Saldanha, da minha vontade.

Aceitei de bom grado, e imediatamente, adquirei o camarote, que lhe estava destinado.

Ao embarcar, sábado, soube, já a bordo, do desastre daquele avião, que, nas costas do Estado de São Paulo sofrera gravíssima “pane” caindo ao mar.

Entre outros, viajavam no mesmo os Drs. Aníbal Loureiro, Demetrio Mércio Xavier e Attila Salvaterra, sendo que este pereceu afogado, e os outros salvaram-se a muito custo.

Foi o primeiro, e até hoje o único desastre da poderosa Companhia Condor.

E agora, como Freud explicaria o meu sonho?!...

Foi, não tenho dúvida alguma, um aviso, tanto mais impressionante, para mim, quanto é certo que tem sido raríssimas as vezes que hei sonhado com minha Mãe, falecida a 9 de Março de 1900.

Há, por certo, em tudo isso, algo de misterioso e divino: ao bom Deus e à minha sempre querida e saudosa Mãe, consigno aqui os meus agradecimentos.

Para finalizar, encontrei-me com o Dr. Aníbal, no Rio, e o qual, ainda horrorizado, narrou-me todo o seu sofrimento e o dos seus companheiros de infeliz travessia.

211 ELEIÇÕES pg. 188

Como candidato do Partido republicano do Rio Grande do Sul, fui eleito:

Conselheiro Municipal

Em 16 de Setembro de 1908 e em 16 de Setembro de 1916, sendo que nesta obtive 2028 votos. Em ambas as legislaturas, fui eleito presidente dessa corporação.

Intendente Municipal

Em 16 de Setembro de 1920, com 4004 votos, e em 16 de Setembro de 1928 com 3315 votos.

Deputado estadual

Em 29 de Março de 1909, com 10.091 votos.

Em 20 de Agosto de 1913, com 75.760 votos.

Em 26 de Fevereiro de 1917, com 79.718 votos.

Em 20 de Fevereiro de 1921, com 78.354 votos.

Em 15 de Março de 1925, com 15.775 votos.

Durante essas legislaturas, fiz parte das Comissões: Exame de Despesas, Petições e reclamações, Constituição e Poderes e Orçamento. Na última fui eleito vice-presidente, e logo depois presidente da Assembleia, sendo inaugurado um retrato meu na Secretaria, e tendo sido me oferecido um banquete, no Grande Hotel, por ocasião do encerramento dos trabalhos.

Deputado federal

Em 1.º de março de 1930, com 81.312 votos.

Em 14 de Outubro de 1934, com 77.509 votos.

Na primeira legislatura, fui eleito membro da Comissão de Agricultura.

– Conservo, em meu arquivo, todas as atas de apuração dessas eleições, menos a de 16 de Setembro de 1908, que se extraviou. Essas atas, devidamente assinadas e de firmas reconhecidas, serviam de diploma.

212 CONGRATULAÇÕES pg. 190

Em 8 de Janeiro de 1916, o jornal A Voz da Serra, em seu número 2, publicou o seguinte, sob aquele título:

Tenho sobre a minha mesa de trabalho, o primeiro número de A Voz da Serra de propriedade do Sr. Cap. Jovino da Silva Freitas e que tem como redator chefe o

Dr. Antonio Bittencourt Azambuja, talento de elite e cujo nome por si só é uma segura garantia de êxito para o novo paladino.

Sobre o seu aparecimento devo dizer algo e quero que sejam as minhas primeiras palavras de intensas e vivas felicitações.

Órgão simples e modesto, mas altivo e sincero; de um formato pequeno, porém grande nas suas intenções, sem filiação partidária, tratando de todos os assuntos, até mesmo dos próprios políticos, sem paixões e tendo em vista o bem social geral “tudo pelo coletivo e nada pelo interesse pessoal” terá forçosamente uma folha assim uma existência longa e auspiciosa.

Convicto estou de seu pleno sucesso, pela firmeza das bases de seu artigo programa, admiravelmente lançado, e que creio será, com fidelidade, cumprido.

Os jornais dessa ordem, bem intencionados, são sempre de grande vantagem, temos disso diária e corrente observação.

Todo e qualquer jornal, quer seja ligado a uma seita religiosa ou quer se submeta a uma orientação político-partidária determinada, terá, não poucas vezes, a contragosto mesmo, por “noblesse oblige” embora com habilidade, de ser parcial, o que não se dá com a imprensa livre e independente, com aquela que é desobrigada de qualquer ligação e que, seguindo uma diretriz digna e constante, tem por fíto, sem nenhuma outra preocupação, “bem servir a causa pública”: são mesmo folhas assim grandes e poderosos auxiliares da própria administração geral e até da própria política.

Mantendo o seu programa, conte “A Voz da Serra” com a nossa modesta elaboração.

Não era nosso pensamento divagar tanto: só desejavamos endereçar alegremente ao hebdomadário, que risonho surgiu com o promissor 1.º de Janeiro, as nossas congratulações.

Salve, pois!

(assinado: meu pseudônimo: Américo Oliveira.

Passo Fundo, 7 de Dezembro de 1935.

Publicado na A Voz da Serra, de 19 de Dezembro de 1918, n.º 149.

Presta hoje A Voz da Serra uma justíssima homenagem à memória inesquecível do saudoso Capitão Jovino da Silva Freitas, à qual se aliam, com muita sinceridade, aqueles que foram seus verdadeiros amigos.

Espírito bem equilibrado, inteligência lúcida, perspicaz, honrado, sabendo prever para prover, era o meu grande amigo com um desses políticos dedicados e argutos. Filiado, desde sua mocidade, ao Partido Republicano de Julio de Castilhos, admirador entusiasta de Borges de Medeiros, prestou o Capitão Jovino, obscuramente, a esse Partido serviços de valor, desempenhando vários cargos, no exercício dos quais revelou-se um homem digno, mercando sempre de seus superiores os mais francos louvores.

Não era um viverdor, um profissional em política, como muitos que por aqui perambulam; tinha nítida e orientada elevação de ideias e sabia, perfeitamente compreender que “política sem ideal equivale um corpo sem cérebro, um planeta sem centro”.

Foi o organizador de várias empresas, o credor de diversos estabelecimentos comerciais, o sustentáculo dos nossos melhores clubes, sendo inegável que este município, que recebeu por vezes o seu influxo progressista, lhe deve serviços de inestimável valia.

Era um perfeito cavalheiro, de trato ameno, sempre procurando servir aqueles que dele se acercavam e sempre também afeito aos sentimentos grandes, bons e generosos.

A sua morte abriu um profundo vácuo no seio do nosso Partido, que, se o admirava muito em vida, venera-o hoje ainda mais, mesmo porque “não encerram todo o nosso ser as tábuas de um ataúde, nem finalizam todo o nosso destino as pedras de um sepulcro. Num ataúde, num sepulcro, jazem os despojos da morte; e a morte, que extermina o corpo, não extermina o homem: – nem é o apagamento do espírito, nem o aniquilamento da vida”.

A sua extraordinária fé política, a sua grande dedicação à causa digna, que vimos, sem esmorecimentos, amparando, que foi, em estertores agônicos, ao lado dos seus afetos familiares, a sua última preocupação vital, com o profundo pesar de não poder ver o desfraldar da nossa bandeira de vitória, que poderá tardar, mas será certa, inevitável – serão, para nós, outros tantos, poderosos estímulos.

Cultuemos a memória do abnegado Capitão Jovino da Silva Freitas.

Passo Fundo, 8 de Dezembro de 1935.

